

R. C.

S

7.304

MUITO BARULHO POR NADA

de William Shakespeare

Tradução de José Rubens Siqueira

São Paulo
fevereiro 1986

DRAMATIS PERSONAE

D. PEDRO príncipe de Aragão

D. JOÃO seu irmão bastardo

LEONATO governador de Messina

ANTONIO seu irmão

CLAUDIO jovem de Florença, favorito de D. Pedro

BENEDITO jovem de Pádua, também favorecido por D. Pedro,

BALTASAR criado de D. Pedro

BORRACHIO confidente de D. João

CONRADO amigo de Borrachio

ABRUNHO }
VERGAS } dois tôlos oficiais

INNOGEN espôsa de Leonato

HERO filha de Leonato e Inno^mgen

BEATRIZ sobrinha de Leonato

MARGARIDA }
URSULA } damas de companhia de Hero

FREI FR^yANCISCO

ESCRIVÃO

1º GUARDA

2º GUARDA (JORGE CARBONAIO)

Mensageiros, guardas, criados

Ação MESSINA

Ato I

Cena 1 - Em frente à casa de Leonato.

Entram Leonato, Hero, Beatriz e outros, com um Mensageiro

LEONATO- Esta carta diz que D. Pedro de Aragão deve chegar esta noite aqui em Messina.

MENSAG.- Já deve estar bem perto. Não faltava nem tres léguas quando ele me mandou na frente.

LEONATO- Quantos homens morreram em ação?

MENSAG.- Poucos. E nenhum dos mais importantes.

LEONATO- Uma vitória vale por duas quando o vitorioso volta para casa sem ter perdido ninguém. Diz aqui que D. Pedro está muito entusiasmado com um rapaz de Florença, chamado Cláudio.

MENSAG.- E é muito merecido. D. Pedro sabe recompensar quem merece. Esse rapaz é muito bom para a pouca idade que tem. Jeito de cordeiro, mas valente como um leão. Foi uma bela surpresa.

LEONATO- O tio dele mora aqui em Messina. Vai ficar muito contente.

MENSAG.- Eu já fui levar umas cartas para ele. Ficou tão contente, tão contente que até parecia que estava triste.

LEONATO- Chorou?

MENSAG.- Muito.

LEONATO- Sinal de que gosta mesmo do rapaz. Um rosto molhado de lágrimas é a coisa mais sincera que existe. As lágrimas de alegria são muito melhores que a alegria das lágrimas.

BEATRIZ- Por favor, o signore Montante voltou da guerra ou não?

MENSAG.- Não conheço ninguém com esse nome, não, senhora. Pelo menos dos mais importantes do exército.

LEONATO- Está perguntando de quem, sobrinha?

HERO- A prima está falando do signore Benedito de Pádua.

MENSAG.- Ah! Esse voltou, sim. E mais vivo que nunca.

BEATRIZ- Me diga por favor quantos ele matou e comeu nessa guerra?
quantos? Sabe, eu prometi que comia todos que ele matasse.

LEONATO- Francamente, sobrinha, você persegue demais o signore Benedito.
Ele vai acabar te acertando, ele vai, tenho certeza.

MENSAG.- É um bom soldado na frente, senhora.

BEATRIZ- Bom soldado na frente de uma senhora. Quero ver ¹² na frente de
um nobre.

MENSAG.- Diante de um nobre ele é um nobre, diante de um homem, um homem.
Cheio de virtudes.

BEATRIZ- Cheio ele é mesmo, bem cheio. Mas vá lá saber de que recheio.
Bom, afinal de contas todo mundo é mortal.

LEONATO- Não leve a mal a minha sobrinha. Ela e o signore Benedito estão
sempre em guerra. Cada vez que os dois se encontram um quer ser
mais afiado que o outro.

BEATRIZ- Ele perde sempre. Da última vez saiu tão tonto que a única di-
ferença entre ele e o cavalo dele era o rabo. Quem é que anda
côo ele agora? Todo mês ele arruma amigo novo.

MENSAG.- É mesmo?

BEATRIZ- É, sim. Ele troca de amigo como quem troca de chapéu.

MENSAG.- Parece que o nome dele está mesmo no seu livro negro.

BEATRIZ- Nem no meu livro negro. Se estivesse eu queimava a biblioteca
inteira. Mas me diga, por favor, quem é o companheiro dele agora?
Ou será que não tem nenhum valentão disposto a ir até o inferno
com ele?

MENSAG.- Ele anda sempre com o signore Cláudio.

BEATRIZ- Deus meu! Vai grudar no coitado feito uma doença! É. Ele é mais contagioso que a peste e o doente acaba sempre ficando louco. Que Deus tenha piedade do nobre Cláudio! Se ele pegar uma Beneditite vai ter de gastar uma fortuna pra se curar.

MENSAG.- Eu quero morrer seu amigo, dona.

BEATRIZ- É melhor mesmo, meu amigo.

LEONATO- Você, louca, é que não vai ficar nunca, não é, sobrinha?

BEATRIZ- Só no dia que a neve cair quente.

MENSAG.- D. Pedro está chegando,

Entram D. Pedro, D. João, Cláudio, Benedito, Baltasar e outros.

D. PEDRO- Meu caro Leonato, você recebe de braços abertos quem veio só te incomodar. O costume é evitar despesas, mas você abre os braços quando elas chegam.

LEONATO- Sua presença ^{my} nunca incomoda na minha casa, alteza. Quando o incômodo vai embora a gente fica aliviado, mas quando o senhor vai embora a alegria vai junto e só fica a tristeza.

D. PEDRO- Você aceita seu encargo de muito boa vontade. Essa deve ser sua filha.

LEONATO- Pelo menos, é o que a mãe dela sempre me disse.

BENEDITO- E o senhor tinha alguma dúvida, para precisar perguntar?

LEONATO- Nenhuma, signore Benedito. O senhor ainda era muito criança quando ela nasceu.

D. PEDRO- Essa te acertou em cheio, Benedito. Mas agora você já é homem

feito e todo mundo sabe que é de confiança. Além disso, a moça é a cara do pai. Quer maior prova que essa. Meus parabéns, filha, você é o retrato de um homem maravilhoso. //

BENEDITO- Mesmo sendo filha e tão parecida com o signore Leonato, garanto que ela não ia querer passear por Messina com a cabeça dele em cima dos ombros.

BEATRIZ- Ainda falando, signore Benedito? Ninguém está prestando atenção no senhor.

BENEDITO- O que?! Madame Desprêzo ainda está viva??

BEATRIZ- O desprêzo^{mão} morre enquanto puder pastar num pasto tão bom quanto o signore Benedito. Na frente dele, até a cortesia se transforma em desprêzo.

BENEDITO- Azar da cortesia. Pra falar a verdade, todas as damas gostam de mim, menos a senhora. Eu gostaria muito de poder dizer que o meu coração não é frio, mas, de fato, não amo nenhuma.

BEATRIZ- Sorte das damas. Assim ficam livres de um pretendente bem inconveniente. Graças a Deus, eu tenho sangue frio. Sou como o senhor: prefiro ouvir meu cachorro latindo prum corvo do que ouvir um homem jurando que me ama.

BENEDITO- Deus lhe proteja sempre desse jeito. Assim nenhum homem corre o risco de ter a cara arranhada.

BEATRIZ- Um arranhão só não ia conseguir piorar uma cara como a sua.

BENEDITO- A senhora deve ser uma boa professora pra qualquer papagaio.

BEATRIZ- Um pássaro com a minha língua ia ser bem melhor que um quadrúpede com a sua.

BENEDITO- Eu ia adorar que o meu cavalo tivesse tanto fôlego e fôsse tão rápido quanto a sua língua. Mas agora chega, pelo amor de

Deus, para mim basta.

BEATRIZ- O senhor acaba sempre fugindo da raia. Conheço seu tipo.

D.PEDRO- Em poucas palavras, foi isso, Leonato. Cláudio, Benedito, o meu amigo Leonato acaba de convidar vocês todos para ficar na casa dele. Contei que vamos ficar aqui pelo menos um mês e ele me garantiu que vai rezar para a gente ter de ficar mais. Eu acredito que vai mesmo.

LEONATO- Pois pode acreditar. (para D. João) O senhor também é bem vindo na minha casa. Agora que fez as pazes com seu irmão, o príncipe, é meu amigo também.

D.JOÃO- Obrigado. Eu não sou de falar muito, mas agradeço.

LEONATO- O senhor na frente, príncipe.

D.PEDRO- Me dê aqui o braço, vamos entrar juntos.

Saem todos, menos Benedito e Cláudio.

CLAUDIO- Benedito, você viu a filha do signore Leonato?

BENEDITO- Ver eu vi, mas não reparei.

CLAUDIO- O que é que você achou dela?

BENEDITO- De homem pra homem? Minha opinião sincera? Ou você quer que eu responda do meu jeito, eu, o tirano do sexo fraco!

CLAUDIO- Não. Fale de verdade mesmo.

BENEDITO- Sinceramente, acho que ela é baixa demais para um alto elogio, morena demais para os louros do elogio e miúda demais para um elogio graúdo. O que eu posso dizer é que se ela não fosse como é, seria feia. E sendo como é... não gosto nada dela.

CLAUDIO- Você acha que eu estou brincando. Quero saber de verdade o

que você achou.

BENEDITO- Está perguntando tanto porque? Vai querer comprar a moça?

CLAUDIO- Nada no mundo pode comprar uma jóia dessas.

BENEDITO- Você está falando sério?

CLAUDIO- Acho que é a mulher mais encantadora que eu já vi.

BENEDITO- Eu ainda enxergo bem sem óculos e não vi nada disso. A prima dela, sim, se não fosse uma fúria... É bem mais bonita que ela. Como um dia de primavera comparado com um dia de inverno. Mas você não vai querer virar marido, vai?

CLAUDIO- Eu nunca jurei que não queria casar. Mas mesmo que tivesse jurado, não ia resistir se ela quisesse casar comigo.

BENEDITO- Então já está nesse pé? Nossa! Será que eu sou o único homem do mundo que não quer nunca ter a testa enfeitada? Acho que nunca mais vou ver um homem chegar aos sessenta anos solteiro. Se é isso que você quer, meu filho, bote o cabresto e vá em frente. Olhe! D. Pedro está voltando pra te buscar.

Entra D. Pedro.

D.PEDRO- Leonato está esperando vocês. Por que essa demora? Algum segredo?

BENEDITO. Um segredo, sim. Mas se o senhor mandar, eu conto.

D.PEDRO- Então conte. É uma ordem.

BENEDITO- Você ouviu, conde Cláudio, sabe que eu sou um tímulo, mas ordem é ordem. Ele está apaixonado. Por quem? o senhor vai perguntar. E a resposta é curta: por Hero, a baixinha filha de Leonato.

1

CLAUDIO- Se fosse assim...

BENEDITO- Como diz o ditado, signore: "Não é assim, nem foi assim e queira Deus que assim não seja."

CLAUDIO- Se a minha paixão não mudar, queira Deus que assim seja.

D.PEDRO- Amén, se você gosta dela. Ela merece.

CLAUDIO- O senhor diz isso porque quer que eu conte tudo.

D.PEDRO. Não! De verdade. Eu digo o que penso.

CLAUDIO- Pois é verdade. Eu disse o que penso.

BENEDITO- Verdade de um, verdade de outro, eu também disse a minha.

CLAUDIO- O que eu sinto é... amor.

D;PEDRO- O que eu sei é que ela merece.

BENEDITO- Pois eu nem sinto que ela merece, nem sei como pode ser amada. É o que eu acho e vou morrer achando. Até na fogueira.

D.PEDRO- Em matéria de beleza você sempre foi um hereje.

CLAUDIO- Mas precisa de muita fôrça de vontade para continuar assim.

BENEDITO- Olha, uma mulher me concebeu e eu sou muito grato. Essa mulher me criou e eu agradeço também, humildemente. Mas as outras mulheres vão me desculpar, não vou deixar ninguém botar chifre na minha testa. E para não ofender alguma com a minha desconfiança, prefiro, já de cara, não confiar em nenhuma. Enfim, escolhi o meu fim: quero morrer solteiro.

D.PEDRO- Pois antes de morrer ainda hei de te ver morrendo de amor.

BENEDITO- De raiva, de doença ou de fome, D. Pedro, mas de amor, nunca!

D.PEDRO- O tempo dirá. "O tempo é como uma canga que até o touro mais bravo acaba tornando escravo".

BENEDITO- O touro pode ser, mas se isso algum dia acontecer com o sensível benedito, pode arrancar os chifres do touro e pregar

na minha testa. E depois mandar pintar o meu retrato, de chifres e escrever por baixo em letras bem grandes: "Este é Benedito, o marido".

CLAUDIO- O corno maluco!

D. PEDRO- Vamos esperar pra ver. Por enquanto, signore Benedito, vá até a casa de Leonato e diga que eu chego para jantar. Ele está esperando a gente com grandes preparativos.

BENEDITO- Ah! Enfim, uma missão à minha altura: pombo correio.

Sai Benedito.

CLAUDIO- Alteza, posso pedir um favor?

D. PEDRO- É claro que pode, meu caro Cláudio. O que for para o seu bem, é meu dever.

CLAUDIO- Leonato tem algum filho, signore?

D. PEDRO- Não, nenhum. Hero é sua única herdeira. Está apaixonado por ela Cláudio?

CLAUDIO- Ah, meu senhor, antes de ^{ir} pra guerra, olhava para ela como soldado. Eu já gostava, mas, naquela hora, não tinha tempo de pensar no amor. De volta agora e esquecida a luta, sobrou espaço no meu coração, brotam em mim desejos mais suaves. Tudo me faz pensar que Hero é linda, que eu já sabia antes de partir...

D. PEDRO- Já está falando como apaixonado: muitas palavras pra dizer tão pouco: Você ama Hero. Fico contente e vou falar com ela e com o pai dela. Não era isso que você queria?

CLAUDIO- O senhor entende o que eu estou sentindo, conhece o amor logo ao primeiro olhar. Se achar que estou sendo precipitado, posso explicar melhor meu sentimento.

D.PEDRO- Se o rio é estreito, a ponte não é larga. Não é preciso explicar mais nada. Eu já sei tudo o que vamos fazer. Hoje de noite vamos ter um baile. Tomo o seu lugar e, mascarado, eu digo à bela Hero que sou Cláudio. Abro pra ela o meu coração. Tenho certeza que ela vai ceder à doce fôrça de um voto de amor. Depois, me abro também com o pai dela. Sossegue Cláudio, ela vai ser sua. O plano é esse. Agora, mãos à obra.

Saem Cláudio e D. Pedro.

Cena 2 - Sala na casa de Leonato

Entram Leonato e Antonio, de lados opostos, encontram-se,

LEONATO- E então, meu irmão? Onde está meu sobrinho, seu filho? Ele^e já providenciou a música?

ANTONIO- Está cuidando disso. Mas eu queria te contar uma coisa bem esquisita, meu irmão. Você nem imagina!

LEONATO- Coisa boa?

ANTONIO- Parece que sim. É, tem jeito de ser coisa boa, sim. Coisa boa. O príncipe e o conde Cláudio estavam passeando no meu jardim. E um criado meu ouviu a conversa deles: o príncipe estava contando para o Cláudio que está apaixonado pela minha sobrinha. É. A sua filha. E que ia falar com ela hoje de noite, no baile.

E que se ela aceitasse, ele não ia perder tempo e falava com você na mesma hora.

LEONATO- Como é esse criado que escutou? Muito burro?

ANTONIO- Não. É inteligente. Tem boa cabeça até. Vou mandar chamar. Fale com ele você mesmo.

LEONATO- Não, não. Melhor não saber mais nada. É. Eu prefiro achar que é tudo um sonho. Mas quero avisar minha filha. Se fôr verdade^d ela tem de ter uma resposta pronta. Vá você[^] contar para ela, vá.

Entram criados.

LEONATO- Ah, meus filhos, vocês já sabem tudo o que têm de fazer, não é? Conto com vocês, meus amigos. Você venha comigo e me ajude. E você, sobrinho, cuide de tudo.

Saem todos.

Cena 3 - Outra sala na casa de Leonato.

Entram D. João e Conrado.

CONRADO- Que foi que houve, signore? Por que essa tristeza tão grande?

D.JOÃO- Grande? Uma tristeza grande ainda dá para medir, mas a minha acho que é infinita.

CONRADO- Ouça a voz da razão.

D.JOÃO- E o que é que ganho ouvindo a voz da razão?

CONRADO- Se não uma solução, pelo menos resignação.

D.JOÃO- Ha. Me admira muito você querer me dar lição de moral. Meu mal não tem cura, Conrado. Não dá para esconder o que eu sou. Quero ficar triste na hora que eu quiser, sem precisar dar risada das gracinhas de ninguém; quero comer quando eu sentir fome, sem ter de esperar ninguém para sentar na mesa; quero dormir na hora que tiver sono, sem me preocupar com a vida de ninguém. E rir quando estiver contente, sem me meter nos negócios dos outros.

CONRADO- É, mas o senhor não devia dar muita demonstração dessa tristeza, enquanto tem gente perto. Acabou de fazer as pazes com seu irmão. Era melhor aproveitar o bom tempo e tentar aprofundar um pouco as raízes dessa amizade. Quem semeia ventos, colhe tempestades.

D.JOÃO- Eu preferia ser uma lagarta na roseira, do que uma rosa nas boas graças do príncipe. Acho que combina mais comigo ser desprezado por todo mundo, do que ficar por aí, tentando agradar. Assim, pelo menos, ninguém vai dizer que eu sou um bajulador hipócrita, mas ninguém também vai poder negar que sou um vilão bem sincero. Só confiam em mim se fôr de mordaca e só me dão liberdade com uma corrente amarrada no pé. Então, se é assim, eu escolhi não cantar na minha gaiolinha. Se não me tapassem a bôca, eu mordia; se fôsse dono do meu nariz ia viver do jeito que eu gosto. Já que não é assim, me deixa ser do jeito que eu sou. Não tente me mudar.

CONRADO- E o que é que o senhor faz com esse azedume todo?

D.JOÃO- O que eu faço? Tudo o que eu faço é com^o meu azedume. E só com ele. Quem é que está aí?

Entra Borrachio.

BORRACHIO- Estou voltando do grande banquete. O príncipe seu irmão está sendo regamente recebido por Leonato. E posso informar também de um pedido de casamento

D. JOÃO- Casamento, é? Dá para a gente aprontar alguma, han? Quem é o trouxa?

BORRACHIO- É o braço direito do seu irmão.

D. JOÃO- O que? O maravilhoso Cláudio?

BORRACHIO- Ele mesmo.

D. JOÃO- O perfeito cavalheiro! Com quem? Com quem? Quem é a eleita?

BORRACHIO- Vai casar com Hero, filha e herdeira de Leonato.

D. JOÃO- A franguinha é precoce! Como é que você soube?

BORRACHIO- Me mandaram defumar a casa e quando eu estava trabalhando numa sala, vi que o príncipe vinha vindo de braço dado com Cláudio. Me escondi e fiquei ouvindo. Eles combinaram que o príncipe ia seduzir a Hero primeiro e depois passava a moça para o conde Cláudio.

D. JOÃO- Vamos, vamos lá. Eu vou gostar de ver isso. Esse pirralho desse Cláudio tomou o meu lugar e o que eu puder fazer contra ele, é a meu favor. Posso confiar em vocês dois? Vocês estão comigo?

CONRADO- Até a morte.

D. JOÃO- Vamos lá pra esse jantar. Eles vão gostar de me ver bonzinho. Ah, se eu fosse o cozinheiro desse jantar... Vamos ver o que a gente pode fazer.

BORRACHIO- É isso. Vamos.

Saem.

Ato II

Cena 1 - Salão na casa de Leonato.

Entram Leonato, Antonio, Hero, Beatriz e outros.

LEONATO- O conde João não veio jantar?

ANTONIO- Eu não vi.

BEATRIZ- Ai, como esse homem é azêdo! Eu fico até com azia cada vez que encontro com ele.

HERO- Ele é muito melancólico.

BEATRIZ- Sabe o que seria perfeito? Um homem que fosse uma mistura dele e de Benedito. Um parece uma estátua, não fala nunca, o outro é um garôto mimado, não para de falar.

LEONATO- Então, metade da língua do signore Benedito na boca do conde João e metade da melancolia do conde João na cara do signore Benedito...

BEATRIZ- Mais uma perna bonita, meu tio e bastante dinheiro na bolsa, ah, um homem desses ganha qualquer mulher. Quer dizer, se ela quiser, não é?

LEONATO- Pelo amor de Deus, sobrinha, com essa língua afiada desse jeito você não vai nunca arrumar um marido.

ANTONIO- Essa aí é brava demais.

BEATRIZ- Diz o ditado: À vaca brava, Deus dá chifre curto. Então: se eu sou brava demais, tenho chifre de menos.

LEONATO- Quer dizer, se você for bem brava mesmo, Deus não te dá chifre nenhum.

BEATRIZ- Isso. Deus não me manda marido nenhum. É pra isso que eu rezo de joelhos todo dia de manhã e de noite. Deus meu!

Eu prefiro dormir numa cama de pregos do que ter a barba de um marido me ralando a cara.

LEONATO- Pois procure um marido sem barba.

BEATRIZ- E o que é que eu faço com um marido sem barba? Boto um vestido meu nele e digo que é minha dama de companhia? Quem tem barba é mais que um menino, quem não tem barba é menos que um homem. Quem é mais que um menino não serve pra mim. E quem é menos que um homem, eu não sirvo pra ele. Diz que quem morre solteirona vai pro inferno, mas mesmo assim ^{eu} prefiro não casar.

LEONATO- Então, vai pro inferno.

BEATRIZ- Não, vou só até a porta. Aí, o diabo vem me encontrar com aquele chifrão na testa, feito um corno velho e me diz assim: "Vai pro céu, Beatriz, vai. Aqui não tem lugar pra virgem, não." E aí eu vou. Procuro São Pedro, ele me mostra o lugar dos solteiros, lá no céu e eu vivo feliz para sempre.

ANTONIO (para Hero)- Mas você vai obedecer o seu pai, não é, sobrinha?

BEATRIZ- Ah, vai, sim. Ela vai baixar a cabeça e dizer assim: "Como o senhor quiser, papai." Mas eu acho, prima, é que o noivo tem de ser bem bonito. Senão, é melhor levantar a cabeça e dizer: "Como eu quiser, papai".

LEONATO- Bom, minha sobrinha, eu ainda tenho esperança de te ver casada um dia.

BEATRIZ- Não enquanto Deus fizer os homens de barro. Não é um horror a mulher ter de ser dominada por um pedaço de barro? E ter de dar satisfação da sua vida pra um pelote de argila? Não, tio, pra mim não. Os filhos de Adão são todos meus irmãos e

eu acho um grande pecado casar com parente.

LEONTATO- Minha filha, não esqueça o que eu te disse: se o príncipe fizer um pedido, você sabe o que tem de responder.

BEATRIZ- Se o príncipe demorar pra se declarar, prima, a culpa é da música. Agora, se ele abusar demais, diga que tem tempo pra tudo e saia dançando em vez de responder. Vou te dizer uma coisa, Hero: o pedido, o casamento e o arrependimento são que nem um baile: começa com a jiga que é bem quente, alegre, bem agitada; depois, vem o casamento e aí já fica tudo meio môrno, cheio de regras, igual a um minueto. Aí, vem o arrependimento que já trança as pernas pra dançar a quadrilha e acaba tropeçando, até cair direto dentro do túmulo.

LEONATO- Você aprendeu bem os passos da dança, sobrinha.

BEATRIZ- É que eu presto atenção, tio. E tenho, ó, ôlho.

LEONATO- Os convidados estão chegando, meu irmão. Vamos receber.

Entram D. Pedro, Cláudio, Benedito, Baltasar, D. João, Borrachio, Margarida, Úrsula e outros, mascarados.

D. PEDRO- Minha senhora, aceita passear comigo?

HERO- Se andar macio, se olhar com ternura e não disser nem uma palavra, aceito, sim. Mas vou embora quando quiser.

D PEDRO- E me leva com você?

HERO- Talvez. Se eu sentir vontade.

D PEDRO- E vai sentir vontade?

HERO- Pode ser. Se eu gostar do que tem aí dentro. Porque se por dentro fôr igual é por fora... Deus me livre!

D PEDRO- Minha máscara é como uma cabana, mas aqui dentro mora um Deus.

HERO- Então, sua máscara devia ser de palha.

D PEDRO- Se vamos ^{de} falar de amor, é melhor falar baixinho.

Puxa Hero para um lado.

BALTASAR- Queria que você gostasse de mim.

MARGARIDA- Se eu fôsse você não ia querer isso, não. Eu sou cheia de defeitos.

BALTASAR- Diga um.

MARGARIDA- Eu rezo em voz alta.

BALTASAR- Então, eu te amo ainda mais, porque assim quem te ouve pode dizer Amén.

MARGARIDA- Meu Deus, eu queria alguém que dançasse bem.

BALTASAR- Amén.

MARGARIDA- E queria me livrar dele assim que o baile acabar! Responda, sacristão.

BALTASAR- Nem uma palavra. O sacristão cala e consente.

URSULA- Eu sei muito bem quem é. É o signore Antonio.

ANTONIO- Sou não.

URSULA- Eu conheço essa cabeça que fica balançando assim.

ANTONIO- Pra falar a verdade, estou imitando o Antonio.

URSULA- Ninguém imita tão bem se não for o próprio. Essa mão seca, mexendo assim pra cima e pra baixo. O senhor é ele. É ele mesmo.

ANTONIO- Sou não.

- MURSULA- Que não é o que! Então eu não conheço esse bom humor? Talento não se esconde. Não adianta dizer nada, eu já sei, o senhor é ele, sim. É ele, e fim.
- BEATRIZ- Não vai me dizer quem te disse?
- BENEDITO- Não. Me desculpe.
- BEATRIZ- Também não vai me contar quem é você?
- BENEDITO- Ainda não.
- BEATRIZ- Será o Benedito? Eu, uma víbora, uma víbora vulgar... Só pode ter sido ele que disse uma coisa dessas.
- BENEDITO- Foi? Quem é ele?
- BEATRIZ- Tenho certeza que o senhor sabe muito bem quem é ele.
- BENEDITO- Não sei, não. Juro!
- BEATRIZ- Ele nunca fez o senhor dar risada?
- BENEDITO- Por favor, de quem é que você está falando?
- BEATRIZ- Ora, do bôbo da corte. Um bôbo muito bôbo. A coisa que ele melhor faz é inventar mentiras. Inventa cada uma!... Só gente muito depravada é que anda com ele. E não porque é inteligente, não. Porque ele é ruim. De um lado, ele agrada, do outro, ele irrita as pessoas. E aí, acabam sempre caçoando dele e dando uma surra bem dada. Tenho certeza que ele faz parte da sua frota. Ah! Eu só queria que ele me abordasse!
- BENEDITO- Quando eu conhecer o rapaz, conto pra ele o que a senhora disse.
- BEATRIZ- Conte, conte, sim. O senhor vai ver como ele vai fazer logo alguma piadinha a meu respeito. E se, por acaso, ninguém achar graça, ele vai ficar triste e macambúzio, vai dormir sem jantar.

Música.

BEATRIZ- Vamos dançar? É uma quadrilha de seguir o chefe.

BENEDITO- Vamos pra onde ele nos levar.

BEATRIZ- Não. Se me levar para o mau caminho, eu saio na primeira volta.

Danças. Depois saem todos, menos D. João, Borrachio e Cláudio.

D JOÃO- Meu irmão ^(parece que está) mesmo apaixonado por Hero. E saiu com o pai dela pra fazer o pedido, é claro. As damas foram junto, só sobrou aí esse mascarado.

BORRACHIO- É o Cláudio, conheço o jeito dele.

D JOÃO- Você não é o signore Benedito?

VLAUDIO- Eu mesmo. Você me conhece muito bem.

D JOÃO- Você é muito chegado no meu irmão e já deve saber: ele está apaixonado pela Hero. Então, eu queria te pedir uma coisa: convença o meu irmão a desistir da moça. Ele é um príncipe e ela não é nobre, nem nada.

CLAUDIO- Como é que o senhor sabe que ele gosta dela?

D JOÃO- Eu ouvi. El^e estava fazendo uma declaração de amor para el^a.

BORRACHIO- Eu também ouvi. Jurou até casamento.

Saem D. João e Borrachio.

CLAUDIO- Respondi com a voz de Benedito, mas escutei com o coração de Cláudio. A notícia é má, ele tem razão. O príncipe quer

Hero para ele. A amizade é fiel em tudo, menos nas coisas que tratam do amor. Quem ama, fala com sua própria boca, não confia em nenhum intermediário. A beleza^a é uma bruxa que enfeitiça até mesmo o mais fiel dos amigos. Só não pensei que uma coisa dessas, pudesse um dia acontecer comigo. E agora, Hero, eu te digo adeus!

Entra Benedito.

BENEDITO- Conde Cláudio?

CLAUDIO- Sou eu.

BENEDITO- Venha comigo.

CLAUDIO- Onde?

BENEDITO- Até aquele salgueiro pra fazer uma coisa do seu interesse, conde. Não é com o^o/ramo^o/mole^o/do salgueiro que se faz a guirlanda dos noivos? Então. Mas eu acho, Cláudio, que você não vai mais poder usar a sua guirlanda: o príncipe conquistou a sua Hero.

CLAUDIO- Pois que seja feliz com ela.

BENEDITO- Como é? Não acredito: que você esteja dizendo isso de coração. Você esperava que o príncipe fosse te aprontar uma dessas?

CLAUDIO- Me deixe sozinho.

BENEDITO- Épa! Por que é que você está brigando comigo? Ele que apronta e eu que pago o pato?

CLAUDIO- Se você não sair, saio eu.

Sai.

BENEDITO- Ai, ai, coitado. Vai, vai se esconder para lamber as feridas. E eu? A minha Beatriz que me conhece e não me reconhece!... Bôbo da côrte! É? Pode ser que me chamem mesmo de bôbo da côrte. Mas é só porque eu sou alegre. É. E acabo me machucando. Não. Ninguém pensa isso de mim, não. A Beatriz é que bota na bôca de todo mundo o que só tem dentro da cabeça dela. Mas ela me paga, me paga.

Entra D. Pedro.

D. PEDRO- Você viu o conde? Sabe onde ele está?

BENEDITO- Encontrei com ele aqui, mais melancólico que uma cabana no deserto. E para ser franco acabei fazendo intriga. Mas acho que disse a verdade. Conteí pra ele que sua alteza tinha conquistado Hero. Me oferecéi para ir com ele até o salgueiro. Pra fazer a guirlanda que ele não vai mais usar, ou então, um chicote pra se castigar.

D PEDRO- Castigar? O que é que ele fêz de errado?

BENEDITO- Êrro bôbo de moleque: encontrou um ninho de passarinhos, ficou tão contente que mostrou o ninho pro amigo. E o amigo roubou o ninho dele.

D PEDRO- E você acha que é um êrro confiar no amigo? Quem merece o castigo é o ladrão.

BENEDITO- Em todo caso, ia ser bom aprontar logo uma guirlanda e um chicote de uma vez: a grinalda ele podia, quem sabe, ainda usar nele mesmo. E o chicote no senhor, que, pelo que eu sei, roubou o ninho dele.

D PEDRO- Eu só queria era ensinar os passarinhos a cantar, para depois devolver pro dono.

BENEDITO- Se eles cantarem bonito como o senhor fala bonito, meu Deus, então deve ser verdade.

D PEDRO- Beatriz está furiosa com você. Ela dançou com alguém que foi dizer pra ela que você fala muito mal dele^a.

BENEDITO- Ah! Ela passa dos limite^s comigo, Alteza. Nem um santo aguenta. Só se eu fôsse de pedra pra não dar resposta. Até a minha máscara começou a ganhar vida. Pra matar. Ela estava conversando comigo, sem saber que era eu. E disse que eu era o bôbo da côrte. Que era mais chato que um dia de chuva trancado em casa. E foi empilhando uma ironia em cima da outra com tanta malícia, que eu fiquei paralizado: eu parecia mais um alvo. Com o exército inteiro atirando em cima de mim. A língua dela é um punhal e cada palavra machuca. Se o hálito dela fôsse tão terrível como as coisas que ela diz, tudo que é vivo ia ^aacabar secando em volta dela. Ela é capaz de empestear até... até as estrêlas. Eu não casaria com ela nem que ela fôsse a dona de tudo aquilo que Adão deixou pra trás quando cometeu o pecado. Não, nem me fale dela. O senhor vai acabar descobrindo que Beatriz é só um demônio disfarçado. Eu peço a Deus que algum mágico possa um dia exorcisar essa mulher, pois tenho certeza que enquanto ela estiver aqui, o inferno vai ser mais tranquilo que um santuário e as pessoas vão pecar de propósito, só para ir parar lá. É verdade, eu juro. Ela só sabe cotucar, provocar, machucar...

D PEDRO- Olhe! Ela vem vindo.

Entram Cláudio, Beatriz, Hero e Leonato

BENEDITO- Sua Alteza, por favor, me dê uma missão pra lá do fim do mundo. Qualquer coisa, mesmo sem importância, mas que seja do outro lado da terra. Se o senhor quiser eu vou buscar um palito de dentes no canto mais remoto da Ásia. Ou então, um fio da barba do Grã Khan da China. Prefiro ser seu embaixador no reino dos pigmeus do que ter de trocar mais tres palavras com essa fúria. Não tem nenhuma missão pra mim?

D PEDRO- Nenhuma. Só quero mesmo a sua boa companhia.

BENEDITO- Ah, meu Deus! Taí um prato que eu não gosto nem um pouco: não suporto dona Língua.

Sai.

D. PEDRO- Venha cá, a senhora, venha. Você pôs pra perder o coração do signore Benedito.

BEATRIZ- É verdade, meu signore, ele me emprestou o coração dele um pouquinho e eu paguei com juro. Já uma vez, antes, ele ganhou o meu coração. Mas tinha roubado nos dados. Agora, o senhor está certo: eu perdi o coração dele, perdi, sim.

D PEDRO- Você humilhou o rapaz, môça, humilhou o rapaz.

BEATRIZ- Fiz com ele a mesma coisa que ele fez comigo. Não sou nenhuma bôba! Bom, taí o conde Cláudio que o senhor mandou buscar.

D PEDRO- Então, conde, o que é isso? Está triste?

CLAUDIO- Triste não, Alteza.

D PEDRO- Então o que? Doente?

CLAUDIO- Também não.

BEATRIZ- O conde não está nem triste, nem doente, nem alegre, nem mal, nem bem. Só está meio amarelo. Amarelo e meio azêdo feito uma laranja.

D PEDRO- É, mocinha, acho que você tem razão, mas posso garantir que ele está se preocupando à toa. Olhe aqui, Cláudio, fiz a declaração de amor em seu nome e a bela Hero aceitou. Já falei com o pai dela e ele concorda. É só marcar a data do casamento. E que Deus te abençoe.

LEONATO- Conde, minha filha é sua e, com ela, a minha fortuna. Foi Sua Alteza quem arrumou tudo e todo os anjos no alto dizem amén.

BEATRIZ- Fale, conde, é a sua deixa.

CLAUDIO- O silêncio é a maior demonstração de alegria. A minha felicidade ia ser muito pequena se desse para descrever com palavras. Hero, você é minha e eu sou seu. Me entrego nas suas mãos. E confesso que estou até meio tonto com essa história toda.

BEATRIZ- Fale, prima. Bom, se não consegue falar, então tape a boca dele com um beijo, assim ele não fala também.

D PEDRO- Estou vendo que, na verdade, o seu coração é bem alegre, Beatriz.

BEATRIZ- É verdade, Alteza. E eu agradeço a este pobre bôbo que está sempre contente. Olhe, minha prima está dizendo no ouvido dele que ele também mora no coração dela.

CLAUDIO- Isso mesmo, prima.

BEATRIZ- Deus meu! Viva o casamento! Mais uma que vai e só eu fico

aqui, secando no sol, feito uva passa. Eu devia era sentar numa esquina e estender a mão assim: "Um marido, um maridinho pelo amor de Deus!"

D PEDRO- Eu te arranjo um marido, Beatriz.

BEATRIZ- Eu preferia um que também fôsse filho do seu pai. Sua Alteza não tem nenhum irmão, não? Seu pai fabricou excelentes maridos pra mulher nenhuma botar defeito.

D PEDRO- Que tal eu?

BEATRIZ- Não, Alteza. Só se eu puder ter um outro para os dias de semana. Sua Alteza é caro demais pra ser usado todo dia. Me desculpe, signore, eu só falo bobagem.

D PEDRO- Se ~~você~~ ficasse quieta é que eu ia me ofender. A alegria combina muito melhor com você, Beatriz. Deve ter nascido numa hora bem alegre.

BEATRIZ- Nada disso! Minha mãe estava chorando muito na hora que eu nasci, Alteza. Meus primos, que Deus dê muita alegria para vocês dois.

LEONATO- Sobrinha, podia ir cuidar daquelas coisas que eu pedi?

BEATRIZ- Desculpe, tio. Com licença, Alteza.

Sai.

D PEDRO- É. É uma moça bem animada.

LEONATO- É, ela não é lá chegada à melancolia. Só fica triste quando dorme. E nem quando dorme, pois eu já ouvi minha filha dizer que Beatriz, às vezes, acorda dando risada no meio de um pesadelo.

- D PEDRO- Ela não quer nem ouvir falar de marido.
- LEONATO- Ah, de jeito nenhum. Ela caçoa tanto dos pretendentes que eles acabam desistindo. Todos.
- D PEDRO- Seria uma ótima espôsa para Benedito.
- LEONATO- Deus meu! Ah, signore, com menos de uma semana de casamento um enlouquecia o outro, de tanto falar.
- D PEDRO- E então, conde Cláudio, quando é que você pretende levar a moça pro altar?
- CLAUDIO- Amanhã, signore. O tempo parece que não anda enquanto a gente não puder festejar esse amor.
- LEONATO- Não, meu caro, não ainda. Só na segunda-feira, daqui a uma semana. É pouco tempo, muito pouco mesmo para resolver tudo o que eu tenho na minha cabeça.
- D PEDRO- Não proteste, Cláudio. Eu te garanto que nós vamos estar bem ocupados essa semana. Tenho um plano gigantesco. Sabe o que? Fazer uma montanha de carinho crescer entre Beatriz e Benedito. Quero juntar esses dois e tenho certeza que consigo, se vocês três me ajudarem. Que tal?
- LEONATO- Signore, pode contar comigo. Nem que eu tenha de ficar dez noites sem dormir.
- CLAUDIO- Comigo também.
- D PEDRO- E você, Hero querida?
- HERO- Eu faço o que fôr preciso para conseguir um bom marido para minha prima, príncipe.
- D PEDRO- E Benedito não é de se jogar fora, eu acho. O mínimo que eu posso dizer é que ele é de boa família, valente e muito honesto. Hero, vou te dizer o que você tem de fazer para a

sua prima se apaixonar por Benedito. E com a ajuda de vocês dois, eu cuido dele. Apesar de cínico, ele vai acabar caindo de amores por Beatriz. Se a gente conseguir isso, Cupido perde o trono. Toda a glória dele fica pra gente e nós seremos os únicos deuses do amor. Agora vamos entrar e eu conto qual é o meu plano.

Saem todos.

Cena 2 - O mesmo salão.

Entram D. João e Borrachio.

D JOÃO- É isso: o conde Cláudio vai casar com a filha de Leonato.

BORRACHIO- É, mas eu posso botar uma pedra cruzando o caminho deles.

D JOÃO- Qualquer pedra, qualquer cruz, qualquer barreira é uma bênção para mim. Estou doente de raiva dele e faço qualquer coisa pra acabar com esse romance. O que é que você está planejando?

BORRACHIO- Não é jogo limpo, signore, mas se eu tomar cuidado, ninguém vai poder me chamar de desonesto.

D JOÃO- Conte de uma vez.

BORRACHIO- Bom, acho que eu já disse para o senhor que sou muito chegado na Margarida, dama de companhia da Hero. Faz um ano já.

D JOÃO- Eu me lembro.

BORRACHIO- Então. Se eu quiser, posso marcar com ela, a qualquer hora do dia ou da noite, pra ela aparecer na janela do quarto da patroa.

D JOÃO- E daí? Como é que uma droga dessas pode matar esse casamento?

BORRACHIO- O veneno é o senhor mesmo que vai ter de misturar. Vá até o príncipe, seu irmão e diga que ele arriscou a própria honra fazendo o renomado Cláudio... e aí é bom elogiar o moço... fazendo ele casar com uma puta vadia como a Hero.

D JOÃO- E que prova eu vou dar disso?

BORRACHIO- Uma bela prova que vai enganar o príncipe, torturar o Cláudio, condenar a Hero e matar Leonato. Precisa mais?

D JOÃO- Se é para acabar com eles, estou disposto a tudo.

BORRACHIO- Então, vá. Ache um jeito de falar com D. Pedro e o conde Cláudio sozinhos. Conte pra eles que descobriu que Hero gosta de mim. Finja que está zelando pelo príncipe, zelando pelo Cláudio, diga assim: "por amor à dignidade do meu irmão, responsável por esse casamento, pela reputação do seu amigo, enganado por uma falsa virgem é que estou revelando tudo isso". É claro que eles não vão acreditar sem prova. E a prova vai ser perfeita: convide os dois para assistir a minha chegada na janela do quarto dela. Eu chamo a Margarida de Hero e ela me chama de Cláudio. Isso tudo deve acontecer na noite da véspera do casamento. Nesse meio tempo, eu dou um jeito de afastar Hero do quarto nessa hora. A infidelidade dela vai parecer tão real que o resultado só pode ser ciúme. E assim, a coisa toda dá com os burros nágua.

D JOÃO- Aconteça o que acontecer, é esse o plano que eu vou pôr em prática. Você capricha² no seu papel que eu te dou mil ducados de recompensa.

BORRACHIO- E o senhor capriche bem na acusação que não vou decepcionar.

D JOÃO- Bom, agora vou descobrir a data desse casamento.

Saem.

Cena 3 - Jardim de Leonato.

Entra Benedito.

BENEDITO- Não entendo como é que um homem, depois de ter visto outro homem se desmanchar todo de paixão, depois de ter caçoado das bobagens todas dos apaixonados, de repente, se presta para a mesma coisa: se apaixona e vira motivo da sua própria caçoada. Foi isso que Cláudio fêz. Quando a gente se conheceu, a única música que ele gostava era o tambor da banda do nosso exército. Agora, só que ^{ly}saber de música de salão. Eu me lembro que ele era capaz de andar dez milhas a pé, só para ver uma boa armadura. Agora, ele passa dez noites sem dormir, pensando no modelo de uma roupa nova. Ele era direto, objetivo como um bom soldado. Agora, fala tudo floreado e quando a gente conversa com ele parece que está num banquete, cheio de pratos exóticos. Será que algum dia eu também vou mudar assim? Não sei. Acho que não. Não posso jurar, mas o amor era bem capaz de me transformar numa ostra. Só que, enquanto eu não virar ostra, não quero nem saber dessas bobagens. Juro. Uma mulher é bonita: tudo bem. Outra é inteligente: tudo bem também. A outra é virtuosa: bom. Mas enquanto todas essas graças não estiverem, todas, numa mulher só, eu não acho

graça em nenhuma. Tem de ser rica claro. Inteligente, senão não quero. Pura, senão nem toco. Bonita, senão nem olho. Doce, senão nem chego perto. Nobre, senão não vale um tostão e tem de falar bem e cantar bem e o cabelo... o cabelo podem ser da cor que Deus quiser. Ah! Lá vem o príncipe e o "Signore Amore". Vou me esconder.

Esconde-se.

Entram D. Pedro, Leomato e Cláudio.

D PEDRO- Vamos ouvir música?

CLAUDIO- Vamos, sim. Como está calma esta noite. Tão serena, parece uma canção.

D PEDRO- Viu onde Benedito se escondeu?

CLAUDIO- Vi muito bem. E terminando a música, vamos pegar o pobre na armadilha.

Entram Baltasar e músicos.

D PEDRO- Vamos lá, Baltasar. Cante de novo.

BALTASAR- Ah, signore, não peça ao mau cantor que mate a música mais que uma vez.

D PEDRO- Isso é uma boa prova de talento: fechar a cara à própria perfeição. Cante outra vez, sou eu que estou pedindo.

BALTASAR- Sua Alteza pediu, então eu canto. Tem sedutor que nem gosta da dama e mesmo assim pede e jura que ama.

D PEDRO- Vamos lá, se é para se lamentar, Baltasar, ponha o lamento em notas.

BALTASAR- Note bem, antes de ouvir minhas notas que elas não merecem ser notadas.

D PEDRO- Anote bem o que ele está dizendo. Só fala em notas, notas e mais nada.

MÚSICA

BENEDITO- Agora, a divina música! Agora, a alma dele já deve estar em êxtase! Não é estranho que umas tripas ⁷de carneiro esticadas sejam capazes de arrebatam a alma dos homens? Bom, quando tudo isto acabar eu compro um corno pra fazer uma corneta.

BALTASAR (canta) - Não suspirem, donzelas, não suspirem mais
que o homem é falso, falso, enganador,
sempre com um pé no mar e o outro pé no cais,
nunca jamais constantes a um mesmo amor.
Donzelas, não suspirem
quando eles partirem.
Abram em sorrisos seus lábios de carmin,
Calem seus gemidos, cantando assim:
Tralalá lari lalá
Canções tristes, donzelas, não cantem jamais.
Espantem o tédio do coração,
que as fraudes dos homens roubam a paz
até de um belo dia de verão.
Donzelas não suspirem
quando eles partirem.
Abram em sorrisos ... etc..

D PEDRO- Bela canção.

BALTASAR- Mas mau cantor, signore.

D PEDRO- Ah, não, não! Você cantou o melhor que pode.

BENEDITO- Se fôsse um cachorro uivando, garanto que tinham enforcado. Só peço: a Deus que essa voz horrível não traga nenhuma desgraça. Eu preferia ter ouvido um corvo, por mais desgraça que viesse depois.

D PEDRO- Escute aqui, Baltasar, prepare uma boa música para amanhã de noite. Vamos fazer uma serenata para Hero, ouviu?

BALTASAR- A melhor que eu puder, signore.

D PEDRO- É isso.

Saem Baltasar e os músicos.

D PEDRO- Vem cá, Leonato. O que foi mesmo que você me disse hoje? Que sua sobrinha Beatriz está apaixonada pelo signore Benedito?

CLAUDIO- (para D. Pedro)- Ai. Atenção, atenção, ele está na mira.

(alto) Nunca pensei que essa moça pudesse amar alguém.

LEONATO- Nem eu também. O mais incrível é ela ter escolhido justo o signore Benedito, que parecia que ela detestava tanto. Bom, pelo menos é o que parecia.

BENEDITO- Será possível? Será que eu entendi direito?

LEONATO- Palavra de honra, caro, eu nem sei o que pensar, mas o fato é que é uma paixão desenfreada. Coisa do outro mundo!

D PEDRO- Vai ver que ela está só fingindo.

CLAUDIO- É possível.

LEONATO. Dio! Fingindo! Eu nunca vi paixão fingida mais parecida com

paixão de verdade do que a paixão da Beatriz.

D PEDRO- O que é que ela faz?

CLAUDIO (para Leonato, baixinho)- Prepare a isca, o peixe vai morder.

LEONATO- Bom... ela fica sentada. É. (para Cláudio) Bom, você também ouviu o que a minha filha contou, não ouviu?

CLAUDIO- Ouvi, sim.

D PEDRO- Como é? Como é? Me conte. Para mim é uma surpresa completa. Pensei que o coração dela fôsse imune a qualquer sentimento.

LEONATO- Eu também pensava, signore, principalmente imune contra o Benedito, não?

BENEDITO- Se não fosse esse velhote de barba branca eu não ia acreditar em nada do que eu estou ouvindo. Mas não pode ser mentira. O velho é de respeito. Não ia mentir assim.

CLAUDIO (baixo, para D. Pedro e Leonato) - Mordeu a isca. Agora, segure.

D PEDRO- Ela já se declarou para Benedito?

LEONATO- Não! E jurou que não quer que ele saiba nunca! É esse o tormento dela.

CLAUDIO- É verdade. Sua filha me contou que Beatriz falou assim: "Depois de tanto desprezar Benedito, será que agora eu devo escrever uma carta contando que estou apaixonada por ele?"

LEONATO- Ela sempre diz isso antes de começar a escrever. Depois, levanta mais de mil vezes por noite e, vestida só de camisola, escreve fôlhas e mais fôlhas do tamanho de um lençol. Minha filha é que conta, ela conta.

CLAUDIO- Agora que o senhor falou em lençol, eu me lembrei de uma coisa engraçada que sua filha contou.

LEONATO- Ah, aquela vez que ela leu a carta? E que falava de Beatriz

e Benedito juntinhos entre os lençóis. É essa?

CLAUDIO- Essa.

LEONATO- Ah, essa ela rasgou em mais de mil pedacinhos. E ficou furiosa com ela mesma, achando que não era nada decente escrever para alguém que ela sabia que ia caçoar dela. "Acho que ele faria o mesmo que eu," ela disse. "Porque se ele me escrevesse, eu ia caçoar dele. É. Apesar de gostar dele, eu ia caçoar, sim".

CLAUDIO- Daí ela cai de joelhos, chora, soluça, bate no peito, arranca os cabelos, reza, xinga. "Oh, meu querido Benedito! Deus me dê paciência!"

LEONATO- É isso mesmo. Minha filha que ~~disse~~^{disse}. E está tão perturbada a coitada, que a minha filha até fica preocupada, com medo que ela faça alguma bobagem contra si mesma, compreende? É verdade.

D PEDRO- Se ela não vai contar, era bom que Benedito soubesse por alguma outra pessoa.

CLAUDIO- Pra que? Ele ia levar na brincadeira e atormentar ainda mais a coitada.

D PEDRO- Se ele fizer uma coisa dessas, merece ser enforcado. Beatriz é uma ótima moça. Pura, acima de qualquer suspeita.

CLAUDIO- E inteligente demais.

D PEDRO- Inteligente em tudo, menos nessa paixão pelo Benedito.

LEONATO- Ah, caro, mas quando a inteligência e o coração entram em luta num corpinho tão delicado, é sempre o coração que vence. É. Tenho pena dela, eu tenho. E tenho razão pra ter: sou tio e tutor da menina.

- D PEDRO- Queria era que ela sentisse isso tudo por mim. Eu era capaz de desafiar todas as convenções e casar com ela. Conte para Benedito o que está acontecendo. Vamos ver o que ele diz.
- E/
LEONATO- Acha que eu devo?
- CLAUDIO- Hero acha que ela vai morrer. Ela mesma diz que morre se ele não gostar dela. Mas que prefere morrer do que revelar esse amor para ele. E que se ele tentar se aproximar dela, ela morre, mas não desiste das ironias de sempre.
- D PEDRO- Ela está certa. Se deixar barato é capaz dele caçoar dela. Vocês sabem como ele é sarcástico.
- CLAUDIO- É um homem direito. E não é feio.
- D PEDRO- É. A aparência externa é feliz.
- CLAUDIO- Na minha opinião, ele é bem inteligente.
- D PEDRO- É verdade. Ele solta umas chispas bem inteligentes, sim.
- LEONATO- E acho que é valente também, não?
- D PEDRO- Isso eu garanto. Diante de um problema, ele nunca é imprudente. Quando é possível, evita brigar, mas quando não é, briga com vontade e temor a Deus.
- LEONATO- Se é temente a Deus, então é de boa paz.
- D PEDRO- Só que não parece, por causa daquele cinismo todo. Bom, tenho pena da sua sobrinha. Vamos procurar Benedito e contar que ela gosta dele?
- CLAUDIO- É melhor ele nunca saber, signore. Olha, com uns bons conselhos, essa paixão de Beatriz acaba murchando.
- LEONATO- Nunca! Impossível! É capaz do coração dela murchar primeiro, isso sim.

D PEDRO- Bom, vamos saber mais pela sua filha. Por enquanto, é melhor deixar a coisa esfriar um pouco. Gosto muito de Benedito e espero que ele faça um exame de consciência para ver que nem merece uma moça tão boa.

LAONATO- Caro signore, vamos? O jantar está servido.

CLAUDIO- Se depois disso tudo ele não ficar louco por ela, eu não entendo mais nada.

D PEDRO (à parte para Leonato) Agora, é armar a mesma rêde para Beatriz. E isso é trabalho para sua filha e as damas. Engraçado vai ser quando os dois souberem um do outro e um não souber que o outro sabe. Essa cena eu queria ver, vai ser uma bela pantomima. Agora, vamos mandar Beatriz chamar Benedito para o jantar.

Saem D. Pedro, Cláudio e Leonato.

BENEDITO (saindo do esconderijo)- Não pode ser brincadeira! A conversa era séria. Quem contou tudo isso foi Hero e ela não ia mentir. Parece que eles sentem mesmo pena da moça. Parece que ela está mesmo perdidamente apaixonada. Ela me ama!... Eu tenho de corresponder. Nossa, como me criticam! Achem que eu vou ficar convencido se souber que ela me ama. E acham também que ela vai preferir morrer do que se declarar para mim. Eu nunca pensei em casar. Mas não posso ser orgulhoso também. Bendito é aquele que ouve as críticas e se corrige. Disseram que ela é bonita e isso lá é verdade. Eu concordo. E pura. Não nego. E inteligente, apesar de gostar de mim. Isso não

é nem contra, nem a favor dela. E eu vou ficar horivelmente apaixonado. Vão me jogar na cara tudo o que eu disse contra o casamento, mas o gosto da gente muda, ora! Um homem que adora carne quando môço, pode detestar quando fica mais velho. Será que as gozações, os trocadilhos, essas bobagens todas podem comprometer para sempre o destino de um homem? Não. O mundo precisa^{te} ser povoado. Quando eu falei que ia morrer sol~~teiro~~te, não podia imaginar que ia viver até a hora de me casar. Ela vem vindo! Que linda! Acho até que já estou percebendo uns sinais de amor.

B/
Entra Beatriz

BEATRIZ- Contra a minha vontade, me mandaram chamar você para o jantar.

BENEDITO- Minha cara Beatriz, eu agradeço o incômodo.

BEATRIZ- O meu incômodo para receber esse agradecimento não é nada maior que o seu incômodo para me agradecer. Se fôsse incômodo mesmo eu nem tinha vindo.

BENEDITO- Então gostou de trazer o recado pra mim?

BEATRIZ- Gostei, sim. Tanto quanto você gostaria de torcer o pescoço de um frango. Mas você não tem estômago pra isso. Adeus.

Beatriz sai.

BENEDITO- Ah! "Contra a minha vontade, me mandaram chamar você para jantar". Isso tem duplo sentido. "Me custou tanto receber

seu agradecimento quanto te custou para me agradecer". É a mesma coisa que dizer: tudo o que eu fiz^e por você é tão fácil quanto agradecer. Ah, se eu não sentir pena dela, então é por que eu sou uma peste mesmo. E se não cair de amores por Beatriz, sou um ateu. Ah, vou arrumar um retrato dela.

Sai.

Ato III

Cena 1 - Jardim de Leonato

Entram Hero, Margarida e Úrsula.

HERO- Margarida, corra até o salão. Minha prima Beatriz deve estar lá, conversando com o príncipe e com Cláudio. Diga, no ouvido dela, que eu e Úrsula estamos no jardim falando dela. Que pela conversa que você ouviu, acha melhor ela ir se esconder lá no carramanchão de madressilvas. Ele está tão florido e perfumado, que a prima vai se sentir protegida pra ouvir tudo o que vamos falar. Você conhece o plano. Agora vá.

MARGARIDA- Pode deixar comigo. Ela já vem.

Sai.

HERO- Úrsula, assim que Beatriz chegar, nós duas começamos a falar. E nosso assunto vai ser Benedito. O seu papel é elogiar o moço, dizer que ele é o melhor homem do mundo. Minha parte é dizer que Benedito está morrendo de amor por Beatriz. Cada palavra que a gente disser vai ser igual a flechas do Cupido.

Beatriz entra ao fundo.

HERO- Não olhe agora, mas ela chegou. E se escondeu, igual a um passarinho, pronta pra ouvir o que a gente disser.

URSULA- O mais gostoso de uma pescaria é ver o peixe morder o anzol. Agora, vamos pra mais perto dela. Deixe comigo. Eu sei o que

dizer.

HERO- Chegue bem perto, pra ela não perder nenhum detalhe, nenhuma palavra da doce isca que vamos lançar... Sinceramente, Úrsula, o que eu acho é que Beatriz é uma mulher ativa. Ela é arisca, ela é selvagem ^c como um falcão.

URSULA- Mas a senhora acha que Benedito gosta mesmo dela?

HERO- Meu noivo e o príncipe juram que sim.

URSULA- E eles não querem ^c que conte pra ela?

HERO- Pelo contrário, eles insistiram que eu contasse tudo pra minha prima. Daí eu disse que, se eles têm amor a Benedito, então é preferível que o moço lute contra essa afeição, do que deixar Beatriz vir a saber.

URSULA- Não sei porque. Será que esse rapaz não merece o calor da cama dela?

HERO- Ah, se merece! Merece o melhor que uma mulher pode entregar a um homem. O problema é que a mãe ^c Natureza nunca fez um coração de mulher tão orgulhoso quanto o de Beatriz. Os olhos dela brilham de desdém e ela caça de tudo o que vê. Ela se acha tão inteligente que não dá importância para mais nada. Não pode amar, nem mesmo imaginar qualquer forma de amor. Sabe por que? Porque Beatriz só ama a si mesma.

URSULA- Eu também acho. E sendo assim, senhora, é melhor mesmo ela nem saber. Ela é capaz de zombar desse amor.

HERO- É claro! Olhe, eu nunca vi um homem, por mais sábio, mais nobre, jovem, belo, que Beatriz não tenha desprezado. Se é louro, ela diz que o cavalheiro podia ser como uma irmã pra ela. Se é moreno, ela logo diz: "ele parece um bom borrão

de tinta". Se é alto, é como uma lança. Se é baixo, parece uma tampa. Se fala muito, uma matraca de semana santa. Se é calado, parece uma pedra. Vira pelo avêssos todos os homens. Beatriz não sabe ser sincera e pura. Não reconhece a simplicidade e a honradês como valor de um homem.

URSULA- É, sim. Ela só sabe censurar.

HERO- Não é nada bom pra ela ser assim, mas quem vai ter coragem de falar? Se eu abro a boca, ela acaba comigo, vai dar risada, vai ironizar. Não. O melhor é deixar Benedito como uma brasa dormida na cinza, ir se apagando aos poucos em suspiros. Melhor morrer assim do que sofrer a morte lenta pela zombaria, que é mais cruel do que morrer de cócegas,

URSULA- Conte, mesmo assim. Veja o que ela diz.

HERO- Não. Prefiro é dizer a Benedito que ele deve lutar com essa paixão. Se for preciso, invento uma mentira que, sem ferir, condene a minha prima. Eu bem sei quanto uma palavra rude pode envenenar o mais puro amor.

URSULA- Não faça isso com a sua prima! Se ela é mesmo tão inteligente quanto todo mundo diz que ~~é~~ é, não vai fazer uma loucura dessas: deixar escapar um homem perfeito.

HERO- Benedito é o melhor homem da Itália. Depois do meu querido Cláudio, é claro.

URSULA- Não zangue comigo, senhora, mas sabe o que eu acho? O signore Benedito, pela aparência, pela inteligência, pelo porte e pela valentia, ele é o homem mais famoso da Itália.

HERO- É fato. Não tem quem não goste dele.

URSUALA- E a senhora? Quando vai estar casada?

HERO- Eu? Todos os dias... Amanhã. Vamos, vamos que eu quero que você me ajude a escolher a roupa pra amanhã.

URSULA (à parte)- Está fisgada, senhora, eu garanto.

HERO- Se for verdade, então fica provado: da armadilha do amor ninguém escapa.

Saem Úrsula e Hero.

BEATRIZ- Ai! Minhas orelhas estão queimando! Será verdade que eu sou desse jeito? Tão orgulhosa e convencida assim? Então, adeus desprêzo! Adeus, orgulho! Arreda! Com vocês não ganho nada. Vai amando, meu Dito, vai amando. Eu me entrego inteira nas tuas mãos para você domar meu coração. Se você ama, a minha ternu^{ra} vai te excitar e vamos juntar nossos amores num laço sagrado. Os outros dizem que você merece. E eu acredito ainda mais que eles.

Sai Beatriz.

Cena 2 - Sala em casa de Leonato.

Entram D. Pedro, Cláudio, Benedito e Leonato.

D PEDRO- Só vou ficar até o casamento, depois volto para Aragão.

CLAUDIO- Se o senhor permitir, acompanho o senhor até lá.

D PEDRO- De jeito nenhum. Nada deve interferir com o seu casamento. Imagine! Seria como mostrar o doce pra uma criança e não deixar ela comer. Eu só pedi a Benedito para vir comigo porque ele é a alegria em pessoa, da cabeça aos pés. É imune ao

amor. O coração dele é mais sonoro do que um sino e a língua é igual o badalo: o que o coração pensa, a língua diz.

BENEDITO- que nada. Eu não sou mais o mesmo.

LEONATO- É o que eu estou vendo. Parece que está triste, está.

CLAUDIO- Vai ver que está apaixonado.

D PEDRO- Se for isso, merece ser enforcado! Não. Ele não tem coração pra se apaixonar. Se está triste é porque está sem dinheiro.

BENEDITO- Estou com dor de dente.

D PEDRO- O que? E você está suspirando só por causa de uma dor de dente?

LEONATO- Dor de dente é micróbio ou maus fluídos. E você está suspirando por causa disso, está?

BENEDITO- É. Pimenta nos olhos dos outros, não arde.

CLAUDIO- Eu ainda acho que isso é paixão.

D PEDRO- Não. Não estou vendo nenhum sinal de paixão. A não ser que esteja muito bem disfarçado. Só se for isso.

CLAUDIO- Mas ele agora escova o chapéu toda manhã. O que quer dizer essa vaidade toda? Só pode ser sinal de paixão por alguma mulher.

D PEDRO- Alguém sabe se ele andou no barbeiro?

CLAUDIO- Não. Mas o barbeiro andou por aqui, sim.

LEONATO- É verdade. Ele ficou até mais moço sem a barba, ficou.

D PEDRO- E não é só isso. Ele agora usa perfume. Dá pra farejar alguma coisa aí.

CLAUDIO- Quer dizer, o cheiro ^{se} está apaixonado.

D PEDRO- A maior prova é essa melancolia.

CLAUDIO- É. Ele antes nem lavava a cara!

D PEDRO- E agora até penteia o cabelo.

CLAUDIO- E as gozações? Ele agora geme, como um alaúde.

D PEDRO- É, a história parece que é triste. Conclusão? Conclusão: Benedito ama.

CLAUDIO- Sabe o que mais? Eu sei de alguém que ama o Benedito.

D PEDRO- Essa eu quero saber quem é. Garanto que alguém que não conhece o moço.

CLAUDIO- Conhece, sim. E sabe de todos os defeitos dele, mas assim mesmo, morre por causa dele.

D PEDRO- Mas não se mata por ele.

BENEDITO- Nada disso interessa pra minha dor de dente. (para Leonato) Signora^a, podia ir até ali comigo um pouco? Quero trocar umas palavrinhas com o senhor, mas não quero que esses dois aí escutem.

Saem Benedito e Leonato.

D PEDRO- Aposto a minha vida que ele vai se abrir e falar de Beatriz.

CLAUDIO- Evidente. Hero e Margarida já devem ter jogado a rêdô^e pra Beatriz também. Agora, os dois ursos não vão mais mostrar os dentes um pro outro, quando se encontrarem.

Entra D. João.

D JOÃO- Deus seja louvado, Alteza.

D PEDRO- Boa tarde, meu irmão.

D JOÃO- Se tiver tempo, meu irmão, quero falar com você.

D PEDRO- Em particular?

D JOÃO- É. Mas acho que o conde Cláudio pode ouvir também. O que eu vou dizer tem a ver com ele.

D PEDRO- O que é?

D JOÃO- (para Cláudio)- O senhor pretende casar amanhã?

D PEDRO- Você sabe que sim.

D JOÃO- Não sei, não. Depois que ele souber o que eu sei...

CLAUDIO- Se existe algum impedimento, por favor, me conte.

D JOÃO- O senhor talvez pense que eu não gosto do senhor, mas depois do que eu vou contar, vai mudar de opinião a meu respeito. Acredito que o meu irmão gosta muito do senhor e foi de bom coração que ele arranjou esse seu casamento. Mas foi trabalho perdido.

D PEDRO- O que? Qual é o problema?

D JOÃO- É isso que eu vim contar. Para encurtar o assunto: já faz bastante tempo que essa moça ^a anda na boca do povo. Ela não é honesta.

CLAUDIO- Quem? Hero?

D JOÃO- Ela mesma. A Hero de Leonato, a sua Hero, a Hero de todo mundo.

CLAUDIO- Não é honesta?

D JOÃO- A palavra não é bem essa. A moça não é boa coisa^a. É isso mesmo que o senhor está pensando. Não se espante, não. Posso provar. É só vocês dois virem comigo hoje de noite. Vão ver o que acontece na janela do quarto dela, até na véspera do casamento. Se apesar do que vai ver o senhor ainda gostar dela, então case com ela amanhã. Mas para o seu próprio bem, era melhor mudar de idéia.

CLAUDIO- Será possível?

D PEDRO- Não acredito.

D JOÃO- Se vocês não acreditarem naquilo que vão ver, então não revelem nunca aquilo que ouviram. Se quiserem ir comigo, eu provo o que disse. Depois de ver e ouvir tudo, façam o que quiserem.

CLAUDIO- Se eu descobrir esta noite algum impedimento para o meu casamento com ela, amanhã, na igreja, na frente de todo mundo, desmascaro essa mulher.

D PEDRO- É. Fui eu que pedi a moça para você. Fico do seu lado para acusar.

D JOÃO- Não vou dizer mais nada contra ela. Vocês mesmos vão ver. Aguentem até a meia-noite.

D PEDRO- Ah! O dia acaba mal.

CLAUDIO- Ah! A desgraça cruzou o meu caminho.

D JOÃO- Ah! desgraça em boa hora evitada! É isso que vocês vão dizer depois de tudo acabado.

Saem todos.

Cena 3 - Uma rua.

Entram Abrunho, Vêrgas com guardas.

ABRUNHO- Vocês são gente boa, de confiança?

VERGAS- É, senão, ia ser pena, mas vai tudo ter de sofrer a condenação do corpo e a danação da alma.

ABRUNHO- É. Esse castigo ainda vai ser pouco se vocês não forem homens

de integração. Foram escolhidos para a guarda noturna do ~~príncipe~~ duque.

VERGAS- Bom, dê as ordens, Abrunho.

ABRUNHO- Primeiro: quem vocês acham que tem mais incompetência para ser oficial?

1ª GUARDA- O Hugo Bolavena e o Jorge Carbonaio. Eles sabem ler e escrever.

ABRUNHO- Um passo à frente, Carbonaio. Deus te abençoe. Tem um belo nome, você. E bela aparência. Boa aparência é coisa que vem por acaso, agora, ler e escrever, isso já é dom da natureza.

2ª GUARDA- Essas duas coisas, oficial...

ABRUNHO- Você tem. Sabia que era isso que você ia responder. Bom, pela estampa, você agradeça a Deus e não fique muito exibido, não. Agora, ler e escrever, isso você exiba, sim, toda vez que tiver necessidade dessas ninharias. Você foi considerado o mais inapto e inteligente para ser oficial da guarda noturna. Portanto, fica irresponsável pela lanterna. Suas ordens são o seguinte: você tem de abortar todos os homens que estiverem andando a êrmo e dar alto em nome do príncipe.

2ª GUARDA- E se eles não quiserem parar?

ABRUNHO- Então, você faz que não viu. Imediatamente reúne o resto da guarda e agradece a Deus que te livrou de um bandido.

VERGAS- Se ele não para quando você dá alto é porque não é gente do príncipe. Pronto.

ABRUNHO- Verdade. E os guardas não devem se volver com ninguém que não seja gente do príncipe. Vocês não devem também fazer barulho na rua. Para a guarda conversar e falar é

absolutamente tolerável e não pode ser demitido.

1º GUARDA- A gente prefere dormir que falar. A gente sabe os deveres dos guardas.

ABRUNHO- Ah, você já fala como um guarda-noturno invertebrado e bem sossegado. É, dormir não é proibido. Só tomem cuidado para não roubarem suas lanças. Bom, vocês têm de fazer a ronda de todos os bares e mandar pra cama os que estão bêbados.

2º GUARDA- E se eles não quiserem ir?

ABRUNHO- Então, vocês esperam até a bebedeira passar. Se mesmo assim eles responderem mal, podem dizer que se engaram, que não se trata da pessoa que vocês tinham pensado.

2º GUARDA- Certo, oficial.

ABRUNHO- Se encontrarem um ladrão, por força do encargo de que estão vestidos, vocês têm o direito de suspeitar que ele não é homem honesto. Esse tipo de gente, quanto menos vocês tiverem a ver com eles, melhor para a honestidade de vocês.

2º GUARDA- Se a gente tem certeza que é ladrão, pode prender?

ABRUNHO- De fato, por força do encargo, pode, sim. Mas acho que quem põe a mão na sujeira, acaba sujando a mão. Se vocês acharem um ladrão, o jeito mais pacifista é deixar ele mesmo se revelar, não roubando o tempo de vocês.

VERGAS- Você é bom, colega.

ABRUNHO- Sinceramente, eu não enforcaria um cachorro de livre e espontânea vontade, quanto mais um homem que ainda tem um resto de honestidade no coração.

VERGAS- Se vocês escut²er²am uma criança chorando de noite, tem de chamar a babá e mandar calar a boca do bebê.

2ª GUARDA- E se a babá estiver dormindo e não escutar a gente?

ABRUNHO- Bom, então, é melhor seguir em paz e deixar os berros da criança acordar a babá. Se a ovelha não escuta o carneirinho que berra, não vai ouvir também qualquer touro mugindo.

VERGAS- Verdade.

ABRUNHO- É o fim das ordens. Você, oficial, representa o ^{duque}~~príncipe~~ em pessoa. Se encontrar com o próprio ^{duque}~~príncipe~~ durante a noite, pode dar alto para ele.

VERGAS- Nossa Senhora! Isso acho que não pode, não.

ABRUNHO- Aposto com quem quiser. Está nos institutos da guarda-noturna. Pode deter o ^{duque}~~príncipe~~. Claro que se o ^{duque}~~príncipe~~ concordar, porque, na verdade, a guarda não deve ofender ninguém e é uma grande ofensa deter um homem contra a vontade dele.

VERGAS- Isso eu também acho.

ABRUNHO (pigarreia)- Bom, guardas, boa noite. Se acontecer alguma coisa de vulto, podem me chamar. Despeitem os companheiros assim como vocês despeitam a si próprios. Vamos, Vergas.

2ª GUARDA- Bom, já temos as ordens. Agora vamos sentar no banco da frente da igreja até as duas horas e aí, todo mundo pra cama.

ABRUNHO- Mais uma coisa, meus caros. Cuidem bem da porta do signore Leonato. O casamento é amanhã e esta noite vai ter muito movimento naquela casa. Adeus. E olho vivo, por favor.

Saem Abrunho e Vergas

Entram Borrachio e Conrado.

BORRACHIO- Conrado!

GUARDA (à parte)- quietos. Não se mexam.

BORRACHIO- E então, Conrado?

CONRADO- Estou aqui, ora. Grudado em você.

BORRACHIO- Grudado mesmo. Parece sarna.

CONRADO- Essa eu fico te devendo. Agora, conte tudo.

BORRACHIO- Está chovendo, vamos ficar aqui. E como um borracho de verdade eu te conto tudo.

GUARDA (à parte)- Isso é alguma tradição, gente! Atenção.

BORRACHIO- Bom, pra começar fique sabendo que D. João me deu mil ducados.

CONRADO- Será que um crime pode ser tão caro?

BORRACHIO- Será que um criminoso pode ser tão rico, isso é que você devia perguntar. Pois enquanto os criminosos ricos precisarem dos criminosos pobres, os pobres podem fazer o preço que quiserem.

CONRADO- Me admira muito.

BORRACHIO- Prova que você é mesmo ingênuo.

GUARDA (à parte)- Eu conheço esse Eugênio! É um ladrão que já está roubando faz sete anos e anda pra cima e pra baixo vestido que nem nobre. Eu lembro o nome.

BORRACHIO- Você ouviu alguma coisa?

CONRADO- Não é nada. É o vento. E a história que você ia contar?

BORRACHIO- Pois então. Fique sabendo que esta noite eu fui namorar a Margarida, dama de companhia de Hero. E chamei ela de Hero. Debruçada na janela, ela se despediu de mim mais de mil vezes ... Eu não estou contando nada direito. Primeiro eu tinha de contar que o príncipe, Cláudio e D. João, plantados a postos

no jardim, já bem envenenados por D. João, eles assistiram^m de longe esse adorável encontro.

CONRADO- E eles pensaram que Margarida fôsse Hero?

BORRACHIO- Dois deles, sim: o príncipe e Cláudio. Mas o diabo do D. João sabia que era Margarida. E aí, em parte por causa dos juramentos de D. João, em parte por causa da escuridão da noite, mas principalmente por causa da minha esperteza que confirmou tudo o que D. João tinha inventado para eles, lá se foi o Cláudio, furioso. Ele jurou que vai encontrar com ela na igreja amanhã, do jeitinho que está marcado e lá, na frente de todo mundo, vai desmascarar ela e contar o que viu hoje. E aí, manda ela de volta pra casa sem marido.

1ª GUARDA- Alto, em nome do duque! ~~pa!~~

2ª GUARDA- Chame o oficial! Acho que a gente acabou de descobrir a maior tradição que já teve no reino.

1ª GUARDA- Um dos dois é o Eugênio. É, sim.

CONRADO- Guardas, guardas escutem...

2ª GUARDA- Qual dos dois é o Eugênio? Vocês vão ter de entregar.

CONRADO- Guarda...

1ª GUARDA- Não diga mais nada! Vocês estão aprendidos.

Saem.

Cena 4 - Sala na casa de Leonato.

Entram Hero, Margarida e Ursula.

HERO- Úrsula, vá acordar Beatriz.

URSULA- Vou, sim.

HERO- E peça para ela vir até aqui.

URSULA- Tá bom.

MARGARIDA- Ah, eu acho que a outra gola estava melhor.

HERO- Não, por favor Marga, quero usar essa.

MARGARIDA- Mas eu juro que não está boa. E a sua prima vai achar a mesma coisa, aposto.

HERO- Minha prima é boba e você também. É esta que eu quero.

MARGARIDA- Gostei muito da peruca, mas o cabelo podia ser um tantinho mais escuro. O vestido é muito bonito. Sabe, eu vi aquele vestido da duquesa de Milão que tanto falaram.

HERO- Ah! Dizem que era demais!...

MARGARIDA- Imagine! Perto do seu, parecia uma camisola de dormir. Era de brocado de ouro, recortes e renda de prata, bordado com pérolas assim nas mangas, nas mangas de fora e na saia, inteira forrada de brocado azul. Este seu é mais fino, mais original, mais gracioso e muito mais bem cortado. Valed⁷ do dela.

HERO- Deus me dê alegria para vestir isso. Meu coração está tão pesado...

MARGARIDA- E vai ficar mais, pesado ainda com um homem deitado por cima.

HERO- que é isso, Margarida? Não tem vergonha?

MARGARIDA- Vergonha de que? De falar de coisas decentes? O casamento não é coisa direita até pros mendigos? Seu noivo não é honesto mesmo sem o casamento? A senhora queria era que eu dissesse, com o devido respeito, "marido" em vez de homem, não é isso? Maus pensamentos é que torcem as palavras. Eu não

ofendi ninguém. Tem algum mal dizer "mais pesado com um marido deitado por cima"? Acho que não tem, não. Se é o marido certo com a esposa certa. Se não for desse jeito, ah, aí então é leviano, não é pesado. Pergunte pra dona Beatriz que está chegando aí.

Entra Beatriz.

HERO- Bom dia, prima.

BEATRIZ- Bom dia, Hero.

HERO- Que é que houve? Por que esse tom de voz tão triste?

BEATRIZ- Estou toda fora de tom, acho.

MARGARIDA- Cante pra nós "A Luz do Amor". É bem alegre, parece um galope. E eu danço.

BEATRIZ- A luz do amor acende é no meio das pernas. E você só galopa se o marido montar bem.

MARGARIDA- Credo! Que maliciosa!

BEATRIZ- Quase cinco horas, prima. Está na hora de se aprontar. Nossa! Estou me sentindo tão mal. Ai...

MARGARIDA- Está sentindo o que? Falta de marido ou de montaria?

BEATRIZ- Começa com M, mas não é nem marido, nem montaria: é moléstia. E eu quero é ficar menos mal.

MARGARIDA- Deus te proteja pra não perder o rumo.

BEATRIZ- Que é que essa louca está dizendo?

MARGARIDA- Nada, nada. Deus sempre dá aquilo que o coração da gente deseja.

HERO- Estas luvas que o conde me mandou têm um perfume tão bom.

BEATRIZ- Estou toda entupida, prima. Não sinto ~~alguém~~ ~~de~~ nada.

MARGARIDA- Virgem entupida que não sente nada! A moléstia é mesmo grave.

BEATRIZ- Pelo amor de Deus! Desde quando a senhora também faz piadinhas?

MARGARIDA- Desde que a senhora parou de fazer. Não acha que a ironia combina maravilhosamente bem comigo.

BEATRIZ- Era melhor espetar ela no chapéu, assim aparecia melhor. Ai! de verdade, eu não estou me sentindo bem.

MARGARIDA- Faça uma compressa de cardo bendito em cima do coração. É o melhor remédio para palpitações.

HERO- Não provoque, Margarida.

BEATRIZ- Bendito? Por que cardo bendito? Está querendo insinuar alguma coisa com esse bendito?

MARGARIDA- Insinuar? Não, não, juro que não! Imagine! Estou falando de remédio mesmo: destilado de cardo bendito. A senhora deve pensar que eu estou pensando que a senhora está apaixonada. Minha nossa! Não! Eu não sou tão boba de pensar tudo o que eu acho, mas também não gosto de não achar aquilo que eu penso. Bom, eu não quero nem pensar nisso, longe de mim pensar que a senhora está, esteve ou estará apaixonada, longe de mim... Mas o Benedito era bem diferente antes. Agora, virou um homem como os outros. Jurou que nunca ia casar, mas acabou chegando o bico no mólho. Como foi que ele se converteu eu não sei, não, mas acho que a senhora também está virando uma mulher como as outras.

BEATRIZ- Que que é isso? Sua língua disparou?

MARGARIDA- É só um galope.

Volta Úrsula.

URSULA- Vamos, senhora, o príncipe, o conde, o signore Benedito, D. João e todos os outros galãs da cidade já estão aí para acompanhar a senhora pra igreja.

HERO- Margarida, Úrsula, Prima! Me ajuda a me vestir!

Saem.

Cena 5 - Outra sala na casa de Leonato.
Entram Leonato, Abrunho e Vergas.

LEONATO- O que o senhor deseja, oficial?

ABRUNHO- É uma confidência, signore, que é do seu próprio desinteresse.

LEONATO- Depressa, por favor, o senhor sabe que estou ocupado.

ABRUNHO- Claro que sei, signore.

VERGAS- É, ele sabe, sim, signore.

LEONATO- De que se trata, meus amigos?

ABRUNHO- O meu bom Vergas, aqui, signore, está se afastando um pouco do assunto. Mas é porque ele está velho, sabe? Não tem mais a mesma cabeça afilada de antes. Mas continua honesto, como sempre. Ah, isso continua.

VERGAS- Ah, isso é. Posso estar velho, mas não tem ninguém mais honesto do que eu.

ABRUNHO- Não é bom a gente se gambar, Vergas. "Em boca fechada..."

LEONATO- Oficiais, vocês são enfadonhos, sabem?

ABRUNHO- Eu agradeço muito, mas nós somos simples guardas do duque. De nossa parte, mesmo que a gente fosse mais enfadonho que o rei, signore, estaríamos sempre ao seu inteiro dispor.

LEONATO- É? Muito obrigado.

ABRUNHO- É. Mesmo que a gente fosse dez vezes mais enfadonho do que ^{somos} ~~eu~~, estaríamos à sua disposição. Pois só se ouve falar bem do senhor. É claro que eu não sou nenhuma pessoa importante, mas fico muito contente de ouvir isso.

VERGAS- Eu também fico.

LEONATO- Gostaria de saber o que vocês têm a dizer.

VERGAS- É que, com o perdão da palavra, a nossa guarda noturna prendeu hoje uma dupla dos ladrões mais albumináveis de Messina.

ABRUNHO- Não se ~~se~~ ofenda com o velho, signore, ele se atrapalhou com o que ia contar. É como se diz: "a idade chega, o juízo vai embora". "Valha-nos Deus! "Vivendo é que se aprende". Está certo, Vergas, está certo. "Deus é grande." "Quem nasceu pra tostão, nunca chega a milhão". É uma boa alma, signore, de verdade. "Bom que é um pão". "Louvado seja Deus", "nem todos os homens são iguais", ai, ai...

LEONATO- É. Ele não chega aos pés do senhor.

ABRUNHO- Dons de Deus, signore, dons de Deus.

LEONATO- Com licença, eu preciso ir.

ABRUNHO- Só uma coisa, signore. A nossa ^{guarda} aprendeu de fato dois malandros refratores e a gente queria que o senhor estivesse de corpo presente no interrogatório.

LAONATO- Façam o interrogatório vocês mesmos, depois me tragam os

relatórios. Estou com muita pressa agora, vocês já devem ter percebido.

ABRUNHO- Bom, bom, acho que isso já é insuficiente.

LEONATO- Tomem um copo de vinho antes de ir. Com licença.

Entra Mensageiro

MENSAGEIRO- Estão esperando o senhor para levar a noiva, signore.

LEONATO- Estou indo, vamos.

Saem Leonato e Mensageiro.

ABRUNHO- Vergas, vá buscar o Jorge Carbonaio. E fale pra ele levar a pena e o tinteiro para a cadeia. Temos de interrogatoriar esses homens.

VERGAS- É. Vamos ter de ser muito municiosos.

ABRUNHO- Incompetência é o que não nos falta, garanto. Eles vão ter de ^{tr}con~~gar~~ar tudo. Vá buscar esse escrivão para anotar as declamações dos bandidos e me encontre na cadeia.

Saem.

Ato IV

Cena 1 - Interior de uma igreja.

Entram D. Pedro, D. João, Leonato, Frei Francisco, Cláudio, Benedito, Hero, Beatriz e criados.

LEONATO- Vamos, frei. Seja breve. Só o casamento mesmo. As recomendações e os deveres dos noivos, essas coisas ficam todas pra depois, ficam.

FREI- O senhor aqui vem para casar esta moça, signore?

CLAUDIO- Não.

LEONATO- Para casar com a moça, frei. O senhor é que vai casar os dois.

FREI- A senhora aqui vem para casar com o conde?

HERO- Sim.

FREI- Se algum dos presentes souber de algum impedimento para esta união que fale agora ou cale para sempre.

CLAUDIO- Sabe de algum, Hero?

HERO- Nenhum.

FREI- O senhor sabe de alguma coisa, conde?

LEONATO- Eu ousou responde^u/por ele: nenhum.

CLAUDIO- Ah! o que os homens ousam fazer! Ah, o que os homens são capazes de fazer! O que fazem todo dia, sem saber o que estão fazendo.

BENEDITO- O que é isso agora? Tantas exclamações.

CLAUDIO- Espere, frei. Pai, por favor me diga: é de alma limpa e sem nenhuma culpa que o senhor me entrega sua filha donzela?

LEONATO- Tão limpa quanto Deus me deu, meu filho.

CLAUDIO- E eu o que é que posso dar em troca de um presente tão rico e tão precioso?

D PEDRO- Nada. A menos que devolva a moça.

CLAUDIO- Meu caro príncipe, o senhor me ensina uma nobre^{o/} forma de gratidão. Leonato, leve sua filha de volta. Não se dá uma fruta podre a um amigo. De honrada e pura ela tem só a aparência. Como uma virgem, ela cora agora. Quanta mentira, quanta habilidade o pecado usa pra se encobrir. Olhem todos! Esse rosto vermelho não parece uma aprova de virtude? Pela aparência, qualquer um jurava que esta moça é uma donzela. Mas não é! Ela conhece o calor de uma cama de pecado e luxúria. Esse rosto vermelho é de vergonha, não é nenhum sinal de inocência.

LEONATO- Signore conde, o que é que está dizendo?

CLAUDIO- Não vou casar. Não vou juntar minha alma com a alma de uma rameira famosa.

LEONATO- Se o senhor mesmo, pra testar a moça, foi quem roubou a virgindade dela...

CLAUDIO- Eu já sei bem o que o senhor vai dizer: se ela cedeu foi já para o marido e eu devo, então, perdoar esse pecado. Não, Leonato, não fui eu que seduzi a sua filha. Era de irmão pra irmã que eu demonstrava o meu amor, minha sinceridade...

HERO- Não foi assim que eu te correspondi?

CLAUDIO- Não diga nada! Chega de mentiras! Você é como uma deusa virgem, mas no teu corpo o sangue corre mais quente que uma fera na sua jaula, sempre no cio.

HERO- Por que me fala assim? Está doente?

*LEONATO - MEU CARO PRÍNCIPE, FALE O SENHOR.

D PEDRO- Falar o que? O que eu sinto^{o/} é vergonha. A culpa é minha por tentar unir o meu amigo a uma puta vulgar.

LEONATO- Não pode ser verdade! Estou sonhando.

D PEDRO- Não é um sonho. Tudo isso é verdade.

BENEDITO (à parte)- Tudo isso nem parece um casamento!

HERO- Verdade?? Deus meu! Tudo isso é verdade?

CLAUDIO- Leonato, eu não estou aqui? E o príncipe? E o irmão dele?
E aqui o rosto de Hero? Será que os nossos olhos ainda enxergam?

LEONATO- Tudo verdade!... Mas não entendo nada!

CLAUDIO- Me deixe fazer mais uma pergunta. E, como pai, ordene à sua filha que ela responda com sinceridade.

LEONATO- Responda a verdade, filha, eu te ordeno.

HERO- Por que estão me atacando? Deus do céu! Por que todo esse interrogatório?

CLAUDIO- Pra você[^] responder pelo seu nome.

HERO- Pois não é Hero? E eu quero saber quem vai poder manchar esse meu nome?

CLAUDIO- Ora, você mesma. A própria Hero pode manchar a virtude de Hero. Quem era o homem que estava ontem à noite, falando com você na sua janela, depois da meia noite e antes da uma?

HERO- Não falei com homem nenhum nessa hora.

D PEDRO- Então, você não é mais uma donzela. Leonato, sinto você ter de ouvir, mas dou aqui minha palavra de honra que a essa hora na noite passada, eu próprio, meu irmão e o pobre conde vimos e ouvimos Hero conversando com um amante na sua janela. Foi ele próprio quem nos revelou os mil encontros que tiveram antes.

D JOÃO- Sh! Dessas coisas não se fala, irmão. Por que as palavras ofendem sempre. Mesmo assim, linda moça, eu te juro que tenho pena de te ver perdida.

CLAUDIO- Oh, Hero, se o seu coração e os seus pensamentos tivessem metade da sua beleza, você seria uma deusa profana: tão corrompida e tão bela. Adeus, cruel pureza e pura crueldade! Por tua causa fecho as portas do amor.

LEONATO- Basta! Agora aponte esse punhal para mim!

Hero desmaia.

BEATRIZ- Prima, o que é isso?! O que aconteceu?

D JOÃO- Vamos embora. Está tudo acabado.

Saem D. Pedro, D. João e Cláudio.

BENEDITO- Como ela está?

BEATRIZ- Eu acho que está morta. Tio! Hero! Meu Deus! Hero! Tio! Frei! Benedito!

LEONATO- O Destino baixou sua mão pesada, A morte é a melhor capa para cobrir sua vergonha!

BEATRIZ- Hero, acorda.

FREI- Coragem, filha.

LEONATO- Está abrindo os olhos?

FREI- Por que não havia de abrir?

LEONATO- Porque? O mundo inteiro grita a sua vergonha! Será que ela podia negar aqui essa história gravada no seu corpo?

Não viva, Hero, não abra os seus olhos. Porque se eu souber que você está viva com a sua culpa, com o seu pecado, com a minha própria mão tirá^o a tua vida. Eu me queixava de ter só uma filha. Agora sei que uma era demais. Por que eu te olhava e te adorava tanto? Por que que eu não recolhi da porta o filho abandonado de um mendigo? Agora, manchada assim com o pecado, eu podia dizer: "Não é meu sangue. Ela nasceu de uma barriga estranha!" Mas é minha, minha e eu amava, minha e eu elogiava tanto, é minha, sim, e eu me orgulhava, minha filha, tão minha que eu mesmo nem era mais de mim mesmo. Eu era dela. Caiu na lama e está tão suja que a água do mar inteiro é pouco pra lavar seu corpo. E o sal do mar é pouco pra purificar sua carne.

BENEDITO- Calma, signore. Estou tão confuso que nem sei mais o que devo pensar.

BEATRIZ- Ah! Posso jurar pela minha alma que tudo isso é uma calúnia.

BENEDITO- Você dormiu com ela ontem à noite?

BEATRIZ- Pra dizer a verdade, ontem não. Pela primeira vez em mais de um ano, eu ontem não dormi no quarto dela.

LEONATO- Então é mais uma confirmação. Isso reforça a história mais ainda. Será que os dois nobres iam mentir? O Cláudio mentir? Ele até chorou quando falou o que estava sentindo. Vamos embora. Deixe que ela morra.

FREI- Agora escutem. Até agora eu não falei nada. Deixei as coisas seguirem seu curso. O tempo todo observei a moça. E vi o rosto dela, mais de mil vezes, ficar vermelho e depois ficar pálido. Nos olhos dela brilhava uma chama querendo queimar todas as

suspeitas daqueles homens contra a sua pureza. Podem pensar que eu sou velho e louco, mas eu tenho estudo e conheço a vida. A moça é inocente. Tenho certeza! Tudo isso é um grande erro.

LEONATO- Não pode ser, frei Francisco. Ela tem pelo menos a decência de não piorar ainda mais a sua culpa. Ela própria não nega a acusação. É o senhor que está tentando encobrir com desculpas a verdade nua e crua.

FREI- que é esse homem da acusação?

HERO- Quem me acusa é que deve saber. Eu não. Pelo perdão dos meus pecados, juro: homem nenhum, de todos que eu conheço, ameaçou a minha castidade. Pai, se o senhor provar que ontem à noite eu, sua filha, estive com um homem, pode me deserdar, pode me odiar, pode me torturar até a morte.

FREI- Os príncipes devem estar enganados.

BENEDITO- Dois deles são homens de confiança. Mas eles podem ter sido enganados. E então a culpa é de João, o bastardo. Ele vive tramando essas maldades.

LEONATO- Não sei. Se eles disseram a verdade, minha filha morre nas minhas mãos. Mas se isso tudo é só uma calúnia, o orgulho deles vai se haver comigo. O tempo ainda não esfriou meu sangue, a idade ainda não roubou meu juízo, o azar nunca atacou os meus negócios e os meus atos não afastaram os amigos. Se isso for só uma provocação eles vão ver que o meu braço ainda é forte, que tenho juízo, que tenho recursos e estou cercado de amigos fiéis para me livrar deles para sempre.

FREI- Pense um pouco. Ouça o meu conselho nesse caso. Os príncipes acham que ela está morta. Esconda a moça durante algum tempo e diga a todos que ela morreu mesmo. Cumpra⁷as obrigações do luto e no túmulo da sua família mande gravar o nome dela em pedra. E faça todos os ritos do entêrro.

LEONATO- Eu não entendo. Pra que tudo isso?

FREI- Bem realizado, esse plano pode transformar a calúnia em remorso pela sua filha. Já é alguma coisa, mas não é só isso. Ainda tem mais. Ela morrendo, o que era acusação, na mesma hora, vai virar lamento. Todos vão sentir pena e perdoar. O homem é como diz o ditado: "só dá valor àquilo que perdeu". Garanto que vai ser assim com Cláudio. Quando ele souber que a morte de Hero foi provocada por suas palavras, a idéia dela viva vai invadir o castelo da sua imaginação. E cada momento da vida dela vai parecer mais doce e mais vivo que quando ela estava viva de verdade. Se ele amava de fato, vai chorar e lamentar a sua acusação, mesmo achando que era verdadeira. Faça isso e vai ver que o resultado vai ser⁷ainda melhor do que se espera. Por outro lado, se nada der certo, a notícia falsa da morte dela pode servir para abafar o escândalo. E Hero, então, pode se retirar para algum convento que seja distante, curar sua reputação ferida numa vida reclusa e religiosa, longe de todos os olhos e línguas, de tudo o que se pensa e que se fala.

BENEDITO- Signore Leonato, aceite esses conselhos. Apesar da intimidade e do amor que tenho pelo príncipe e por Cláudio, juro que vou guardar segredo disto tudo. E prometo que vou ser

tão fiel quanto a mão direita é fiel para a esquerda.

LEONATO- Para um amor tão grande quanto a minha, uma esperança já é salvação.

FREI- O senhor faz bem em aceitar o plano. Para estranho mal, estranho remédio: morrer para viver. Agora vamos. Filha, talvez esse teu casamento tenha sido só um pouco adiado. Espere com paciência e seja forte.

Saem Frei Francisco, Hero e Leonato.

BENEDITO- Beatriz, você estava chorando esse tempo todo?

BEATRIZ- Estava. E ainda vou chorar mais.

BENEDITO- Eu não quero isso.

BEATRIZ- Você não tem nada com isso. Eu choro porque quero.

BENEDITO- Eu tenho certeza que sua prima foi caluniada.

BEATRIZ- Ah, o que eu não seria capaz de dar para o homem que vingasse a honra da minha prima.

BENEDITO- Existe algum jeito de provar que eu sou seu amigo?

BEATRIZ- O jeito existe, o que não existe é o amigo.

BENEDITO- Existe algum homem que possa fazer isso?

BEATRIZ- É trabalho de homem, mas não é pra você.

BENEDITO- Você é a coisa que eu mais amo no mundo. Não é estranho?

BEATRIZ- Tão estranho que nem sei. Eu também podia dizer que você é a coisa que eu mais amo no mundo. Mas não acredite em mim, apesar de eu não estar mentindo. Não confesso, nem nego. Eu sinto é pena da minha prima.

BENEDITO- Juro pela minha espada, Beatriz, que você me ama.

- BEATRIZ- Não jure pra não ter de engolir a espada depois.
- BENEDITO- Juro que você me ama e quem disser que eu não te amo é que vai ter de engolir o que disse.
- BEATRIZ- Você não vai acabar engolindo esse juramento?
- BENEDITO- Nem com o melhor mólho do mundo. Eu te amo.
- BEATRIZ- Deus me perdoe!
- BENEDITO- Perdoar o que, Beatriz?
- BEATRIZ- Você me interrompeu na hora certa. Eu ia dizer que te amo.
- BENEDITO- Então diga, de todo coração.
- BEATRIZ- Eu te amo tanto que todo o meu coração é pouco.
- BENEDITO- Então, me peça o que quiser.
- BEATRIZ- Mate Cláudio.
- BENEDITO- Não! Nunca!
- BEATRIZ- Se você nega, eu que morro, então. Adeus.
- BENEDITO- Espere, Beatriz.
- BEATRIZ- Espero. Mas não estou mais aqui. Você não tem amor, não. Por favor, me deixe ir embora.
- BENEDITO- Beatriz...
- BEATRIZ- Eu quero ir embora.
- BENEDITO- Diga primeiro que é minha amiga.
- BEATRIZ- Para você é ~~mais~~ mais fácil ser meu amigo do que lutar com meu inimigo.
- BENEDITO- Cláudio é seu inimigo?
- BEATRIZ- Pois ele não provou que é um miserável? Ele acusou, xingou, desonrou a minha prima! Ah, se eu fôsse homem! Imagine! Esperar quietinho até o dia do casamento e aí, na frente de todo mundo, maldosamente, cheio de rancor, acusar... Deus

meu! Se eu fôsse homem, era capaz de comer o coração dele vivo. ~~No~~ No meio da praça.

BENEDITO- Escute, Beatriz...

BEATRIZ- Falar com um homem na janela! Que bela história!

BENEDITO- Não, mas Beatriz...

BEATRIZ- Pobre Hero! Acusada, caluniada, ofendida...

BENEDITO- Beat...

BEATRIZ:- Príncipes e condes! Que beleza! Ah, se eu fôsse homem ele ia ver só! Ou se eu tivesse um amigo que fosse homem! Mas ser homem, hoje em dia, é só se derreter em gentilezas e elogios. Os homens de hoje são só língua, uma língua bem afiada. Pra ser valente, basta contar uma mentira e jurar que é verdade. Não posso ser homem, mesmo querendo, então morro mulher, mas morro xingando.

BENEDITO- Calma, Beatriz. Eu te amo. Me dá sua mão.

BEATRIZ- Me dê você uma mão. Uma mão de homem.

BENEDITO- Do fundo do coração, você tem certeza que o conde Cláudio foi injusto com Hero?

BEATRIZ- Foi. Do mais fundo do meu coração. Foi, sim.

BENEDITO- Então, está certo. Eu prometo: vou desafiar o conde para um duelo. Guarde este beijo na tua mão. Eu te prometo que Cláudio vai acertar contas comigo. Espera para me julgar quando souber o que aconteceu. Agora, vá consolar sua prima. Eu tenho de dizer que ela está morta. Adeus.

Saem.

Cena 2 - Um prisão.

Entram Abrunho, Vergas, Escrivão, todos de toga. E o Guarda com Conrado e Borrachio.

ABRUNHO- Todo mundo pronto para a audição?

VERGAS- Ah, um banquinho e uma almofada para o escrivão.

ESCRIVÃO- Quem são os transgressores?

ABRUNHO- Ora, eu e o meu colega aqui.

VERGAS- Isso mesmo. Nós temos que ^{e/}proceder a interrogação.

ESCRIVÃO- Mas ^{h/}quem são os criminosos que têm de ser interrogados?

Se apresentem para o oficial.

ABRUNHO- É, se apresentem. Como é seu nome, cavalheiro?

BARROCHIO- Borrachio.

ABRUNHO- Faz favor, anote aí; Borrachio. E você aí, menino?

CONRADO- ~~H~~ Sou um cavalheiro, oficial. Meu nome é Conrado.

ABRUNHO- Escreva aí: signore cavalheiro Conrado. E servem a Deus?

CONRADO E BORRACHIO - Sim, ^{o/}s~~inh~~hor. Esperamos que sim.

ABRUNHO- Escreva que eles esperam servir a Deus e escreva Deus primeiro. Deus nos livre de botar esses dois malandros na frente de Deus. Então, vocês dois, está provado que vocês são mausfeitores. E eu estou quase acreditando. Como é que vocês ^Avão se ~~defender~~ defender?

CONRADO- Não somos malfeitores.

ABRUNHO- Esse é inteligente, garanto. Mas eu dou um jeito nele, Venha aqui você, vou te dizer uma coisa no seu ouvido. Ouça o que eu estou dizendo: vocês dois são considerados mausfeitores.

BORRACHIO- Eu garanto, oficial, que não somos não.

ABRUNHO- Volte para o seu lugar. Eles combinaram tudo entre eles.
Escreva aí que eles são mausfeitores.

ESCRIVÃO- Oficial Abrunho, o senhor não está obedecendo o proceder do interrogatório. Tem de chamar o guarda que prendeu os dois e fez a acusação.

ABRUNHO- Certo, certo, é o jeito mais certo. Que o guarda se apresente. Guarda, em nome do duque eu ordeno que o senhor acuse esses homens.

1º GUARDA- Este aqui disse, oficial, que D. João, irmão do príncipe, era um bandido.

ABRUNHO- Escreva: o príncipe D. João é um bandido. Ora, mas isso é um crime muito sério. É perjuro chamar o irmão do príncipe de bandido.

BORRACHIO- Oficial...

ABRUNHO- Por favor, signore, calma. Não gosto nada, nada da sua cara, já vou avisando.

ESVRIVÃO- O que mais ouviu ele dizer?

2º GUARDA- Que ele tinha recebido mil ducados de D. João para acusar injustamente a dona Hero.

ABRUNHO- Mas isso é latrocínio, é, sim.

VERGAS- É isso mesmo. É isso, sim.

ESCRIVÃO- E que mais?

1º GUARDA- E que o conde Cláudio, sabendo disso, pretendia desgraçar a dona Hero na frente de todo mundo na igreja e desistir do casamento.

ABRUNHO- Maldito! Você vai ser condenado à redenção eterna por causa
d/
isso.

ESCRIVÃO- Que mais?

2ª GUARDA- É só isso.

ESCRIVÃO- E é o que basta. Os senhores não podem negar. O príncipe João fugiu hoje de manhã. Hero foi mesmo acusada, depois recusada e morreu por causa do choque. Oficial Abrunho, amarre esses homens e leve até a presença de Leonato. Eu vou na frente para apresentar os depoimentos.

E o escrivão sai.

ABRUNHO- Vamos, amordacem as mãos deles.

VERGAS- Isso, as duas mãos...

CONRADO- Sai, cretino!

ABRUNHO- Deus que me perdoe! quedê o escrivão? Ele tem de escrever que o oficial do duque é um cretino. Segure bem esses dois. Patife!

CONRADO- For^a! Burro! Burro! Você é um burro!

ABRUNHO- Você não sabe com quem está falando! Não tem respeito nem pelos meus cabelos brancos? Que pena que o escrivão não está mais aqui para escrever que eu sou burro! Vocês, não esqueçam que eu sou burro. Não está por escrito, mas lembrem bem que eu sou burro. Não, seu patife, você é que está mais do que revolidado nesse crime como vai ser muito bem aprovado por testemunhas bem errôneas. Eu sou um homem incompetente e ainda por cima oficial, e ainda por cima, pai de família e ainda por cima, bem bonito perto dos homens de Messina e conhecedor das leis, ouviu? e sou bem rico, ouviu? e posso

até esbanjar, ouviu? Tenho duas togas e tudo que é meu é bonito. ^Levem embora. Ah, que pena que não ficou escrito que eu sou um burro!

Saem.

Ato V

Cena 1 - Em frente à casa de Leonato.

Entram Leonato e Antonio.

ANTONIO- Se continuar assim, você se mata. Não tem sentido essa tua reação.

LEONATO- Por favor, pare de me dar conselhos. Eles são como água na peneira. Para me consolar só mesmo alguém que sofreu tudo o que eu sofri. Me mostre um pai que amou tanto a sua filha e que perdeu, como eu, a alegria e peça a ele para ter paciência. Veja a dor dele e calcule a minha. Se cada esforço, se cada detalhe da dor desse pai for igual à minha e ainda assim ele tiver paciência e ainda assim ele coçar a barba e for capaz de rir e não chorar, então aprendo com ele a ter paciência. Só que esse homem não existe, irmão. A gente só consola e aconselha quando não é a gente que está sofrendo. Assim é o homem: fala de paciência pro pobre esmagado pela desgraça, mas quando chega a sua vez de sofrer, nenhum homem tem a moral e a força de lembrar os seus próprios conselhos. Por isso, meu irmão, não me aconselhe. Minha dor vai sempre falar mais alto.

ANTONIO- Os homens continuam sempre ~~quase~~ crianças...

LEONATO- Chega! Quero ser só de carne e osso. Nem um filósofo, que é filósofo, ~~ninguém~~ aguenta uma boa dor de dente, por mais divino que seja seu estilo, por mais que despreze o sofrimento.

ANTONIO- Não fique com a dor só pra você. Faça sofrer também quem

te ofendeu.

LEONATO- Tem razão. E é isso que eu vou fazer. Algo me diz que Hero não tem culpa. Cláudio e o príncipe vão ter de me ouvir.

Entram D. Pedro e Cláudio.

ANTONIO- Eles vêm vindo. E com muita pressa.

D PEDRO- Bom dia, bom dia.

CLAUDIO- Bom dia para os dois.

LEONATO- Ouça, signore...

D PEDRO- Temos pressa, Leonato.

LEONATO- Pressa, Alteza? Então, passe bem. Adeus. Agora o senhor tem pressa. Que bom!

D PEDRO- Vamos! Não brigue conosco, meu velho.

ANTONIO- Só uma briga não resolveria uma questão tão baixa.

CLAUDIO- Ninguém está ofendendo o senhor.

LEONATO- Não? Você me ofendeu. Você, hipócrita! Você! E não toque na sua espada. Não tenho medo.

CLAUDIO- Ora, maldita seja a minha mão se ela algum dia ameaçar um velho. Eu nem pensei em usar minha espada.

LEONATO- Quietos, rapaz. Não caçoe de mim. Não sou caduco e muito menos louco pra me ^{de} esconder atrás da minha idade, lembrando as coisas que eu fazia antes ^{de} que agora já não posso mais. Fique sabendo, Cláudio, que você ofendeu tanto a minha filha e eu, que sou forçado a deixar de lado os meus cabelos brancos e o cansaço dos muitos anos que eu já vivi, para te fazer um desafio de homem. Você ^{de} caluniou a minha filha e feriu tão

fundo o coração dela que el^a está morta. Morta e enterrada no túmulo dos meus antepassados, onde antes dela, nunca entrou o escândalo provocado pela sua maldade.

CLAUDIO- Minha maldade?

LEONATO- Sua, Cláudio, sua.

D PEDRU - Está enganado, velho.

LEONATO- Sua Alteza, posso provar no próprio corpo dele, apesar dele ser jovem e forte e de ser muito melhor que eu na esgrima.

CLAUDIO- Nunca! Eu não ^{vou} lutar com o senhor!

LEONATO- Vai recusar! Você matou minha filha. Se me matar, mata um homem, menino.

ANTONIO- Vai matar dois. E homens de verdade. Isso não importa, Mate um primeiro. Me vença, acabe comigo. Responda!: Vamos, rapaz. Vamos, ^{cond}e menino, vamos. Com meu chicote eu venço a sua esgrima^{ma}! Sou um cavalheiro e cumprio a palavra.

LEONATO- Meu irmão...

ANTONIO- Calma. Deus sabe que a minha sobrinha era para mim mais do que uma filha. E ela está morta, morta por bandidos que nem tem coragem de responder o desafio de um homem de verdade. Moleques, covardes, veados, lixo!

LEONATO- Antonio...

ANTONIO- Fique tranquilo, meu irmão. Que foi? Sei muito bem com quem estou lidando. Moleques depravados que adulam, mentem, seduzem, inventam, ~~mentem~~ e enganam. Mostram os dentes, dizem palavrões, mas não enfrentam o inimigoⁱ nunca porque não têm coragem. É só isso.

LEONATO- Mas, Antonio...

ANTONIO- Isso não é assunto seu, Você não se meta. Deixe comigo.

D PEDRO- Meus senhores, vocês estão nervosos. Eu sinto muito a morte de sua filha, mas a acusação era verdadeira. ^{E/} Eu tenho ~~um~~ provas e posso jurar.

LEONATO- Alteza, Alteza...

D PEDRO- Não quero ouvir.

LEONATO- Não? Vamos. Eles ainda hão de ouvir.

ANTONIO- Vão, sim. E alguém vai pagar por isso.

Saem Leonato e Antonio

D PEDRO- Veja, veja. O homem que a gente estava procurando.

Entra Benedito.

CLAUDIO- E então? Novidades?

BENEDITO- Bom dia, signore.

D PEDRO- Bom dia. Você chegou quase a tempo de acabar com uma quase luta.

CALUDIO- Por pouco dois velhos desdentados não arrancaram o nariz da gente.

D PEDRO- Leonato e o irmão. Que tal? Não sei se a gente ia vencer se ~~eu~~ tivesse aceitado o desafio.

BENEDITO- Uma luta de mentira não tem valor de verdade. Eu queria falar com vocês.

CLAUDIO- Nós procuramos você pra cima e pra baixo. Eu e o príncipe estamos tristes e queremos acabar com essa melancolia. Cadê

o seu ~~no~~ humor?

BENEDITO- Está na bainha da minha espada. Quer que eu tire?

D PEDRO- Resolveu deixar o seu humor ~~em~~ de lado, Benedito?

CLAUDIO- Ninguém faz isso e tem muita gente que devia. Vamos lá, puxe o seu humor como se fôsse uma espada e divirta a gente.

D PEDRO- Parece que ele está meio pálido. Você está doente? Ou bravo?

CLAUDIO- Coragem! A tristeza matou o gato, mas você é bem capaz de matar a trist^{za}za.

BENE DITO- Se todos esses ataques são para mim, eu prefiro encontrar a sua ironia no campo de luta. Vamos mudar de assunto.

CLAUDIO- Melhor pegar outra lança, então. Que essa já quebrou.

D PEDRO- Meu Deus, ele está ainda mais pálido. Parece que está bravo mesmo.

CLAUDIO- É capaz de me fazer um desafio.

BENEDITO- Posso falar com você?

CLAUDIO- Deus me livre de um desafio dele.

BENEDITO (¹parte, para Cláudio)- Você é um verme, E eu não estou brincando. Eu te desafio como você quiser, com a arma que quiser e quando você quiser. Me dê essa satisfação, senão vou achar que você é covarde. Você matou uma dama de verdade e a morte dela vai te custar bem caro. Agora responda.

CLAUDIO- Bom, eu aceito. Mas sou eu que vou cortar sua carne.

D PEDRO- O que? Um banquete? Um banquete?

CLAUDIO- É. ■ Graças a ele que me convidou para comer uma cabeça de porco e um capão. E se eu não cortar direito, pode dizer que minha espada está sem fio. Vai ter pato, também?

BENEDITO- Sua ironia vem a galope, parece uma boa cavalgadura.

D PEDRO- Vou te contar o que a Beatriz disse dele outro dia. Eu disse para ela que você tinha um senso de humor muito fino. "É verdade", ela disse, "tão fininho que nem se percebe". "Não", eu ~~disse~~ falei, "é um grande senso de humor". "Certo, " ela disse "bem grande e grosso também". "Não," eu disse, "ele tem muito bom humor". ~~"Justo"~~ "Justo", ela falou, "tão bom que não machuca ninguém". "Não", eu disse, "ele tem um espírito culto". "Certo", ela disse, " é bem curto de espírito". "Não", eu disse, " ele fala muitas línguas". "Isso eu acredito", ela respondeu, "na segunda feira ele me jurou uma coisa, na terça negou. Isso é que é língua. Com duas pontas, feito língua de cobra". Foi assim. Durante uma hora eu tentava elogiar as suas virtudes e ela torcia tudo. No fim, ela deu um suspiro e concluiu que você era o melhor homem da Itália.

CLAUDIO- E chorou muito por causa disso, mas sempre dizendo que nem ligava.

D PEDRO- É verdade. Se isso não é ódio, então só pode ser amor. A filha do velho é que nos contou tudo isso.

CLAUDIO- Tudo, tudo. E além disso^{o/}, "Deus viu quando Adão se escondeu no jardim".

D PEDRO- Então, quando é que vamos pregar os chifres de touro na testa dele?

CLAUDIO- É. E escrever por baixo: "Este é ^B ~~B~~enedito, o marido".

BENEDITO- ~~eu~~ Vou embora, garôto. Você sabe o que eu penso. Fiquem aí com os seus mexericos engraçadinhos. Alteza, eu agradeço todas as suas gentilezas, mas tenho de me afastar⁷ da sua companhia. Seu irmão, o bastardo, fugiu de Messina. Vocês todos, juntos,

matarem uma moça inocente. Nós ainda vamos nos encontrar, seu fedelho, eu e você. Até lá. fique em paz.

Sai.

D PEDRO- Ele está falando sério.

CLAUDIO- Muito sério. E eu tenho certeza que é tudo por causa do amor de Beatriz.

D PEDRO- Ele te desafiou pra um duelo?

CLAUDIO- De verdade, mesmo.

D PEDRO- Mas agora chega. Calma, Pedro. Sossegue, coração e se prepara. Ele não disse que meu irmão tinha fugido?

Entram Abrunho, Vergas e guarda com Conrado e Borrachio.

ABRUNHO- Vamos lá, vamos lá. Se a Justiça não domesticar esses dois, nunca mais vai poder pesar crime nenhum naquela balança dela. É. O senhor é um maldito dum perju^{no}, é melhor eu ficar de olho.

D PEDRO- Que é isso. Prenderam dois homens do meu irmão. É Borrachio?

CLAUDIO- Melhor descobrir o que eles fizeram, Alteza.

D PEDRO- Oficial, qual é o crime desses homens?

ABRUNHO- Pois olhe, signora^e, eles espalharam falsos testemunhos, além disso, disseram umas mentiras; segundo, são defumadores da honra; sexto e último, caluniaram uma moça; terceiro, cometeram umas injustiças e pra concluir são uns malandros mentirosos.

D PEDRO- Primeiro, quero saber o que foi que eles fizeram. Terceiro, perguntei qual o crime deles, sexto e último, porque eles estão prêsos e para concluir qual é a acusação?

CLAUDIO- Muito bem pensado e na ordem certinha. Nossa, isso é que é uma pergunta bem feita.

D PEDRO- que foi que vocês fizeram para estar assim amarrados? O oficial é sutil demais, eu não entendo o que ele diz. Que foi?

BORRACHIO- Príncipe, eu respondo. Ouça o que eu vou dizer e depois ~~me~~ mande o conde me matar. Eu enganei o senhor. Vocês que são inteligentes, não perceberam nada, mas esses idiotas descobriram tudo. Eles ouviram quando eu estava contando para o meu amigo ⁷ aqui que seu irmão, D. João, me convenceu a difamar dona Hero e depois, levou você⁸ dois para o jardim. E lá, vocês dois me viram a mim namorando a aia Margarida que estava vestida com as roupas de Hero. O senhor desgraçou a menina, mas devia era ter casado com ela. Eles anotaram tudo no relatório e eu prefiro assinar essa confissão com a minha morte do que ter de repetir essa história toda. O que matou a moça foi a acusação falsa que eu e meu patrão forjamos. E eu só mereço agora a recompensa de um bandido.

D PEDRO- O que ele diz é como um punhal entrando fundo no meu coração.

CLAUDIO- Palavras que matam mais que veneno.

D PEDRO- Foi mesmo meu irmão quem te mandou?

BORRACHIO- Foi. E me pagou muito bem pra isso.

D PEDRO- Ele é a própria traição em pessoa. E ainda fugiu depois desse crime.

- CLAUDIO- Hero! Agora estou te vendo de novo tãa linda e pura quanto eu via antes.
- ABRUNHO- Vamos, levem os querelantes. A essa hora o escrivão já deve ter reformado tudo para o singore Leonato. E não esqueçam de dizer, sempre que o lugar e a hora forem inadequados que eu sou um burro.
- VERGAS- Olha o signore Leonato chegando. E o escrivão também.

Entram Leonato e Antonio com o Escrivão.

- LEONATO- Quem é o desgraçado? Qual desses dois? Preciso saber que cara ele tem pra nunca mais topar com gente assim.
- BORRACHIO- Sou eu.
- LEONATO- Você? Você o monstro que matou minha filha com um sôpro de veneno?
- BORRACHIO- Eu. Eu mesmo e ninguém mais.
- LEONATO- Não, não seja injusto consigo mesmo. Estes dois homens e mais um terceiro que fugiu, eles também são culpados. Eu agradeço a vocês dois, meus príncipes, a morte da minha filha inocente. Foi só mais um dos seus atos heróicos. Pensando bem, talvez o mais glorioso.
- CLAUDIO- Eu nem sei como pedir seu perdão, mas vou falar: escolha o senhor mesmo o pior castigo que puder me dar. Se eu pequei foi porque fui enganado.
- D PEDRO- E eu também. Mas mesmo assim aceito o castigo por mais pesado que seja.
- LEONATO- Não posso pedir que tragam de volta a minha filha. Sei que

isso é impossível, Mas gostaria que vocês anunciassem a todo povo aqui de Messina que minha filha morreu inocente. E se for capaz de uma inspiração, faça pra ela uma canção bem triste e cante no seu túmulo esta noite. Amanhã venha até a minha casa. Já que não foi possível ser meu genro, gostaria que fôsse meu sobrinho. Meu irmão Antonio tem uma filha que é a cópia exata da filha que eu tinha. Ela sózinha é herdeira de nós dois. Case com ela. Essa é a minha vingança.

CLAUDIO- O senhor é generoso demais e, emocionado, eu aceito a oferta. De hoje em diante, pode contar comigo: eu, o pobre Cláudio, sou seu criado.

LEONATO- Então, espero o senhor amanhã. Quero ver esse homem frente a frente com Margarida, pois eu acredito que seu irmão pagou pra ela também.

BORRACHIO- Não, isso não! Ela é inocente, eu juro. Ela não sabia o que estava fazendo quando saiu pra conversar comigo. Eu posso garantir que ela é honesta.

ABRUNHO- Além disso, apesar de não estar escrito preto-no-branco, esse querelante me chamou de burro. Peço ao senhor que não esqueça disso na hora de penalizar o prêso. O guarda ouviu também eles falarem de um tal Eugênio. É bom acarear esse ponto também,

LEONATO- Agradeço a sua atenção e o seu cuidado.

ABRUNHO- Sua senhoria fala como um jovem respeitável e agradecido e eu louvo a Deus pelo senhor.

LEONATO- Isto é para você.

ABRUNHO- Deus lhe pague. Deus proteja o donativo.

LEONATO- Agora vá. Pode ~~de~~ixar o prisioneiro comigo. Obrigado.

ABRUNHO- Deixo esse famoso malandro com a sua^a excelência e imploro que o senhor se corrija para ele servir de exemplo para outros. Deus guarde sua excelência. Que Deus lhe proteja e estimo as melhores. ^{Hum!} ~~Hum!~~ ^{de}idemente eu dou permissão para ir-me embora e, se possível, nos encontraremos de novo, Deus nos livre e guarde. Vamos, Vergas.

Saem Abrunho e Vergas.

LEONATO- Até amanhã.

ANTONIO- Até amanhã. Vamos esperar vocês.

D PEDRO- Lá estaremos.

CLAUDIO- Esta noite, eu vou chorar a minha Hero.

Saem D. Pedro e Cláudio.

LEONATO- (para o Guarda)- Traga esses homens, Vamos falar com Margarida. Quero saber como foi que ela conheceu esse patife.

Saem.

Cena 2 - Jardim de Leonato.

Entram Benedito, e Margarida, encontram-se.

BENEDITO- Por favor, Margarida, me ajude a falar com Beatriz.

MARGARIDA- Só se o senhor prometer que escreve um soneto louvando a minha beleza.

- BENEIDTO- Escrevo, Margarida e em estilo tão elevado que nenhum homem vai jamais ficar por cima^m de mim. Pra dizer a verdade, você merece.
- MARGARIDA- Nenhum homem nunca vai ficar por cima de mim? E^{ai}? Eu fico sempre por baixo?
- BENEDITO- Ah, você^ê é mais afiada que dente de cachorro: morde.
- MARGARIDA- E você é mais sem corte que espada de criança: bate, mas não machuca.
- BENEDITO- É espada de homem, Margarida. Nunca machuca uma mulher. Agora chame Beatriz que eu me rendo: te entrego meu escudo.
- MARGARIDA- Eu quero é uma espada. Escudo nós já temos.
- BENEDITO- Cuidado com espada, Margarida. É arma perigosa em mão de moça donzela. O melhor é meter logo na bainha.
- MARGARIDA- Bom, é melhor eu ir chamar Beatriz para você. Se bem que ela, eu acho, tem duas pernas.
- BENEDITO- Portanto, vem sozinha.

Sai Margarida.

BENEDITO (canta)- O deus do amor
que está lá no céu
sabe de mim, sabe de mim,
sabe que eu mereço tanta pena...

Pena como poeta, porque no amor... Nem todos aqueles maricas de salão que vivem fazendo versos, nem todos juntos sofreram pra fazer um verso mais do que a minha pobre pessoa apaixonada está sofrendo. Droga. Eu não sei mostrar o meu amor nas rimas. Eu tentei, mas só consigo rimar "dama" com "dama",

rima maliciosa; "transtôrno" com "corno", uma rima dura; "escola" com "gabola", rima burra. Todos finais bem infelizes. Não. Eu não nasci num signo de poetas, não sei seduzir com palavras bonitas.

Entra Beatriz.

BENEDITO- Ah! então você vem quando eu te chamo.

BEATRIZ- Sim, senhor. E vou embora quando mandar.

BENEDITO- Fique até eu mandar.

BEATRIZ- Bom, se vai acabar me mandando embora, prefiro ir já. Adeus. Mas já que eu vou, quero pelo menos, levar aquilo que eu vim buscar. É uma informação: quero saber o que aconteceu entre você e Cláudio.

BENEDITO- Trocamos palavrões, só isso. E agora vou te dar um beijo.

BEATRIZ- Quem diz palavrão tem a bôca suja. Eu vou embora sem beijo.

BENEDITO- Tua ironia é tão exagerada que você torce o sentido das palavras. Eu te digo o que aconteceu: Cláudio aceitou o meu desafio e agora, se ele não marcar logo uma data, vou dizer em público que ele é covarde. Agora, me diga, por qual dos meus de feitos você se apaixonou primeiro?

BEATRIZ- Por todos juntos. São tantos e um é tão grudadinho no outro que não dá pra enxergar nenhuma qualidade lá dentro. E eu? Qual das minhas boas qualidades te deixou morrendo de amor?

BENEDITO- Morrendo de amor! É bem isso mesmo. Estou morrendo, porque te amo contra a minha vontade.

BEATRIZ- Deve estar com o coração bem machucado. Pobre coração.

E se você machuca ele por minha causa, meu amigo, eu também machuco ele por sua causa. Não posso amar o que meu amigo odeia, não é?

BENEDITO- É. Você e eu somos inteligentes demais pra poder⁷ namorar em paz.

BEATRIZ- Não parece,⁷ não. Quem é inteligente nunca elogia a si mesmo. "Quando se tem bons amigos, são eles que fazem os elogios".

BENEDITO- Isso é provérbio antigo, Beatriz, muito antigo. Hoje em dia se um homem não constrói o seu próprio túmulo, ele ~~acaba~~ acaba esquecido antes do sino parar de tocar, antes da viúva parar de chorar.

BEATRIZ- E isso demora quanto?

BENEDITO- Que pergunta! Os sinos tocam por uma hora, a viúva chora quinze minutos no máximo. Portanto, é bem mais sábio botar a bôca na trombeta anunciando suas próprias virtudes, como eu faço. Eu ^o elogia minha própria pessoa porque ~~eu~~ mereço. Agora, me diga, como vai sua prima?

BEATRIZ- Muito mal.

BENEDITO- E você?

BEATRIZ- Muito mal também.

BENEDITO- Ame a Deus, ame a mim e você ^u sara logo. Bom, a conversa acabou: vem vindo alguém aí e parece que está com pressa.

Entra Úrsula.

URSULA- Dona Beatriz, vá lá pra dentro. Está um Deus nos acuda, a casa de pernas pro ar. Está provado que ^o dona Hero, minha

patroa é inocente. Cláudio e o príncipe, eles... alguém enganou os dois! E o culpado de tudo é D. João, que fugiu, foi embora! Venha, venha.

BEATRIZ- Não quer saber a notícia?

BENEDITO- Eu quero é viver no seu coração, morrer nos teus braços e descansar pra sempre nos teus olhos. Mas, por enquanto, vou pra casa com você.

Saem.

Cena 3 - Interior de uma igreja.

Entram D. Pedro, Cláudio, mais tres ou quatro pessoas com música e velas acesas.

CLAUDIO- É este o túmulo da família de Leonato?

HOMEM- É esse.

CLAUDIO (lendo um pergaminho)- É Hero quem aqui jaz
pela calúnia atingida.
Fama que não morre mais
foi o preço de sua vida.
O que a vergonha matou,
na glória ressuscitou.
Seja este poema cantado
mesmo que eu esteja calado.

Agora, toquem e cantem, músicos.

HINO

Perdoa, deusa da treva
quem matou tua virgem serva,

cantando em tórno da cova
 a tristeza desta trova.
 Noite abranda o tormento
 alivia o lamento
 triste, triste, ^ãtão triste.
 Mortos, ressuscitar!
 para a morte saudar,
 triste, triste, tão triste...

CLAUDIO- Agora, adeus, Hero. Todos os anos eu vou lembrar esta data
 tão triste.

D PEDRO- Bom dia pra vocês. Apaguem as velas. Os lóbos já voltaram
 da caçada, a luz do dia já clareou o céu. Muito obrigado a
 todos, podem ir.

CLAUDIO- Bom dia. Sigam seu caminho em paz.

D PEDRO- Agora temos de trocar de roupa e depois ir pra casa de
 Leonato.

CLAUDIO- Eu só espero é que este novo encontro tenha um final um
 pouco mais feliz.

Saem.

Cena 4 - Sala na casa de Leonato.

Entram Leonato, Antonio, Benedito, Beatriz, Margarida,
 Úrsula, Frei Francisco e Hero.

FREI- Eu não falei que ela era inocente?

LEONATO- E o príncipe e Cláudio também são. Eles só acusaram minha

filha pelas razões que eu já lhe expliquei. Margarida também não teve culpa. Agora já está tudo esclarecido,

ANTONIO- Estou contente de tudo acabar bem.

BENEDITO- Eu também. Senão ia ser forçado a acertar as contas com o conde Cláudio.

LEONATO- Bom, minha filha, você e suas damas, vão se esconder agora ^o ~~em~~ outra sala. Voltem quando eu chamar. Todas de máscaras. O príncipe e Cláudio vão estar aqui.

Saem as mulheres.

Meu irmão, você sabe o que fazer. Tem de fingir que é pai de sua sobrinha e entregar a moça para Cláudio.

ANTONIO- Eu vou mentir com a maior convicção.

BENEDITO- Frei, vou precisar de sua ajuda, eu acho.

FREI- Pra que, filho?

BENEDITO- Pra me amarrar ou me soltar, não sei. A verdade, signore Leonato é que sua sobrinha me vê com bons olhos.

LEONATO- Bons olhos que a minha filha emprestou.

BENEDITO- E eu também estou de olho nela.

LEONATO- Esse olho já fui eu, Cláudio e o príncipe que abrimos. Mas o que é que você quer?

BENEDITO- Essa resposta é muito engimática. O que eu quero é que o senhor também queira aquilo que eu e Beatriz queremos: casar hoje mesmo. E é pra isso, frei, que pedi sua ajuda.

LEONATO- Pois, de todo coração, eu concordo.

FREI- Filho, pode contar com a minha ajuda. Olhe, Cláudio e o príncipe estão chegando.

Entram D Pedro e Cláudio com criados.

D PEDRO- Meu bom dia pra todos vocês.

LEONATO- Bom dia, príncipe. Bom dia, Cláudio. Então, conde, está mesmo decidido a casar com a filha do meu irmão?

CLAUDIO- Dei minha palavra. Caso com ela.

LEONATO- Vá chamar, irmão. Está pronto, frei?

Sai Antonio.

D PEDRO- Bom dia, Benedito. Que é que houve? Pra que essa cara tão carregada?

CLAUDIO- Ele deve estar pensando no touro. Calma, não se preocupe, meu amigo. Nós vamos folhear ~~meus~~ chifres de ouro.

BENEDITO- Touro com chifre de ouro muge bem. Deve ter sido um desses ~~que~~ que trepou na vaca do seu pai que, dessa união, pariu um bezerro igual a você. Pelo menos, tem o mesmo mugido.

Volta Antonio com as mulheres mascaradas.

CLAUDIO- Essa resposta eu fico te devendo. Qual delas é a minha futura mulher?

ANTONIO- É esta que agora entrego nas suas mãos.

CLAUDIO- Então, é minha, Deixe ver seu rosto.

LEONATO- Não, isso não! Enquanto não jurar diante do frei que se casa com ela.

CLAUDIO- Me dê a sua mão. Frei, eu juro por Deus: sou seu marido, se gostar de mim.

- HERO- quando eu estava viva, eu era sua outra esposa. (tirando a máscara) Quando você me amou, era meu outro marido.
- CLAUDIO- Outra Hero!
- HERO- Você tem razão. A outra Hero morreu caluniada, mas eu estou viva. E sou donzela.
- D PEDRO - A mesma Hero! A que estava morta.'
- LEONATO- Morta enquanto a calúnia estava viva.
- FREI- Eu posso explicar tudo isso mais tarde, contar com detalhes a mort⁷edela. Mas isso é depois do casamento. Tratem de se acostumar com o milagre. E agora vamos para a capela.
- BENEDITO- Devagar com o andor, frei. Qual é Beatriz?
- BEATRIZ- Sou eu. (tirando a máscara) O que é que você quer comigo?
- BENEDITO- Você não me ama?
- BEATRIZ- Eu? Ora, eu não.
- BENEDITO- Então seu tio, o príncipe e Cláudio estavam muito enganados porque os tres juraram que você me amava.
- BEATRIZ- E você não me ama?
- BENEDITO- Não, ora. Eu não.
- BEATRIZ- Pois minha prima, Margarida e Úrsula devem estar também muito enganadas: as tres juraram que você me amava.
- BENEDITO- Eles juraram que você estava doente por minha causa.
- BEATRIZ- Elas juraram que você estava morrendo por minha causa.
- BENEDITO- Não é verdade. Então, você não me ama?
- BEATRIZ- Sinceramente, não. Só como amigo.
- LEONATO- Vamos, sobrinha, você ama o rapaz.
- CALUDIO- E eu juro que ele ama Beatriz. Está aqui um papel com a letra dele: é um sonêto que ele fez pra ela.

HERO- E este outro, com a letra da minha prima, eu roubei de dentro do bolso dela. Fala do amor dela por Benedito.

BENEDITO- É um milagre! As nossas mãos desmentem os nossos corações. Vamos lá, eu caso com você. Mas juro por Deus que é só de dó.

BEATRIZ- Eu não vou recusar, mas juro pela luz que me ilumina que só aceito porque insistiram muito comigo. E um pouco também para salvar sua vida, pois me disseram que você está se consumindo.

BENEDITO- Chega! Eu vou calar sua boca.

Beija Beatriz.

D PEDRO- E então? Como vai "Benedito, o marido"?

BENEDITO- Vou dizer uma coisa, príncipe. Nem um bando inteiro de gozadores consegue me tirar do meu bom humor. Acha que eu vou ligar para um título desses, para uma brincadeira? Não. Se um homem leva em conta tudo que falam dele, acaba sem ter coragem nem de vestir uma roupa bonita. Resumindo, eu resolvi casar e não vou dar a menor confiança para o que o resto do mundo vai dizer. Não caço de mim por causa das coisas que eu dizia antes. O homem é assim mesmo: sempre mudando. É isso que eu penso. Você, Cláudio, eu achei que ia te dar uma boa surra, mas como parece que você vai ser meu parente, te deixo escapar dessa. Trate de amar bastante a minha prima Hero.

CLAUDIO- Eu estava só esperando pra ver se você recusava a Beatriz. Ai eu acabava na porrada a sua vida de solteiro e já te

castigava também pela vida dupla que você vai querer levar se a minha prima aí não te vigiar muito bem vigiado.

BENEDITO- que é isso? A gente é amigo. Vamos fazer um baile agora, pra aliviar os nossos corações e as pernas das nossas espôsas.

LEONATO- O baile é só depois.

BENEDITO- Antes! Eu prefiro. Música! Príncipe, o senhor está triste. Arrume uma mulher, príncipe, uma mulher. O cetro mais majestoso é aquele que termina em forma de chifre.

Entra um Mensageiro

MENSAGEIRO- Signore, seu irmão João foi prêso e está sendo trazido para Messina por uma guarda armada.

BENEDITO- Não! Deixe pra pensar nele amanhã. Eu vou descobrir tres castigos bem pesados para ele. Música!

Dançam. Saem.

FINIS